

Marina Magalhães

POLARIZAÇÕES DO JORNALISMO CULTURAL



Marca de Fantasia

Marina Magalhães

POLARIZAÇÕES DO JORNALISMO CULTURAL



Marca de Fantasia
Paraíba - 2018

POLARIZAÇÕES DO JORNALISMO CULTURAL

Marina Magalhães

Série Veredas, 7 ♦ 3a edição - 2018



MARCA DE FANTASIA

Rua Maria Elizabeth, 87/407
João Pessoa, PB, Brasil. 58045-180
marcdefantasia@gmail.com
www.marcdefantasia.com

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPB

Diretor/Editor

Henrique Magalhães

Conselho Editorial

Adriana Amaral - Unisinos/RS; Adriano de León - UFPB; Alberto Pessoa - UFPB;
Edgar Franco - UFG; Edgard Guimarães - ITA/SP; Gazy Andraus, UEMG;
Heraldo Aparecido Silva - UFPI; José Domingos - UEPB; Marcelo Bolshaw - UFRN;
Marcos Nicolau - UFPB; Nilton Milanez - UESB; Paulo Ramos - UNIFESP;
Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP; Waldomiro Vergueiro, USP;
Wellington Pereira, UFPB

Editoração/capa

H. Magalhães/Fotos da capa, divulgação na internet:

André Morais em “Diário de um louco”, cenas do filme “Batismo de sangue”, Marina de la Riva e Silvério Pessoa. Foto da autora: Marina Athayde.

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

ISBN 978-85-67732-85-5

A Arte está em tudo.

Daniel Piza

Sumário

6	Preliminares
10	Metodologia
12	História do Jornalismo Cultural
32	Polarizações do Jornalismo Cultural
50	Análise dos cadernos culturais dos jornais de maior circulação em João Pessoa
73	Considerações
75	Matérias analisadas
77	Referências



Marina de la Riva. Divulgação

Preliminares

A cultura está presente em tudo, não apenas nos nossos costumes e tradições, mas no que lemos, ouvimos, assistimos, dançamos ou consumimos das produções artísticas, sendo influenciados ou não pelos formadores de opinião e jornalistas culturais.

Na concepção antropológica, a cultura toma uma conotação mais abrangente, discutindo aspectos biológicos, geográficos e étnicos para se chegar a conclusões acerca da diversidade de modos de comportamentos existentes entre os diferentes povos.

O Jornalismo Cultural propõe um recorte mais delimitado do assunto, se especializando, sim, em alguns aspectos da tradição e folclore dos povos, mas aproximando a sua abordagem das diversas manifestações artísticas, como artes plásticas, literatura, música, dança, cinema, teatro e televisão.

É através desse jornalismo especializado dos veículos de comunicação de massa – rádio, jornal impresso, revista, televisão etc. – que tomamos conhecimento do que está sendo lançado ou produzido no meio artístico, assim como temos acesso, com algum aprofundamento, às reflexões sobre os movimentos culturais, aspectos históricos e suas características.

Não há uma delimitação precisa sobre o surgimento desse jornalismo especializado. Contudo, através de estudos históricos de ensaios e publicações europeias, acredita-se que tenha surgido juntamente com a estruturação das cidades, durante o século XVIII. Este foi marcado pela migração do homem do campo para os novos polos industriais,

pela estruturação da sociedade e chegada do comércio, dos costumes, das modas, das casas de chá, da política e, ainda, pela expansão das manifestações artísticas.

Logo, o Jornalismo Cultural se disseminou por todo o mundo, muitas vezes como uma produção artística à parte, por contar com renomados críticos como Voltaire, George Bernard Shaw, Samuel Johnson e Charles Baudelaire. No Brasil, destacaram-se Machado de Assis, Paulo Francis, Nelson Rodrigues, e, na Paraíba, Virginius da Gama e Melo.

Embora tenha passado a requintada época de ouro do Jornalismo Cultural, as seções especializadas dos grandes jornais continuam entre as páginas mais lidas e queridas pelos leitores, assumindo uma importância para a relação dos jornais com o público bem maior do que se imagina.

As matérias são capazes de influenciar diretamente esse público, e podem ajudar a determinar se o filme ovacionado será um sucesso de bilheteria, se o livro criticado ficará encalhado nas estantes das livrarias ou se os discos lançados serão abandonados nas prateleiras das lojas.

Diante de tamanha importância na relação com o leitor e de um poder de influência através da crítica, o Jornalismo Cultural ainda é um instrumento essencial para a fomentação da cena cultural mundial.

Contudo, o fazer jornalístico especializado em cultura vem apresentando uma série de dicotomias que prejudicam o cumprimento de seu papel, fazendo-o cair na superficialidade ou no eruditismo, perder o equilíbrio entre matérias sobre assuntos internacionais e locais, ou ainda errar a dosagem entre temas considerados de “elite” e os mais populares.

A situação ainda se agrava em grande parte dos periódicos nacionais, onde os Segundos Cadernos, como se convencionou chamar nas redações, são produzidos da mesma forma que os outros suplementos

dos jornais, sem a devida distinção estilística para abordar um tema tão especializado como a Cultura.

O nosso interesse pelo Jornalismo Cultural concentra-se nos desdobramentos dessas polarizações, para entender os pontos críticos que permeiam seu papel na contemporaneidade. O tema é motivo de discussão para profissionais, acadêmicos e estudiosos em todo o país, mas ainda é pouco estudado na Paraíba e não consta na grade curricular do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da UFPB.

A escolha pela forma monográfica deve-se ao entendimento de que este formato é o mais adequado para expressar parte da complexidade que envolve o tema “cultura”, sobretudo no jornalismo impresso, que carrega uma longa história de tradição no assunto.

As amostras para nossa pesquisa foram recolhidas dos jornais *O Norte*, *Jornal da Paraíba* e *Correio da Paraíba*, periódicos de maior circulação em João Pessoa no período do estudo. Ao longo das próximas páginas apresentaremos um pouco da história dos jornais citados, que publicavam cadernos culturais diariamente, motivo também pelo qual foram escolhidos.

O objetivo principal desta pesquisa é produzir uma análise comparativa entre os cadernos culturais dos três jornais selecionados. Como objetivos secundários, temos: apresentação do Jornalismo Cultural, sua trajetória mundial, nacional e local, seus tempos de glória e os problemas enfrentados na contemporaneidade; as deficiências encontradas pelos profissionais no cotidiano do fazer jornalístico; a apresentação das polarizações encontradas nos cadernos especializados e o debate sobre a alegada importância desse tipo de jornalismo para a sociedade como um todo.

Para atender à definição do nosso objeto de pesquisa, dividimos o trabalho em três partes. Na primeira, apresentamos informações ge-

rais sobre o Jornalismo Cultural, tais como: conceitos elaborados por diversos autores, seu surgimento e desenvolvimento no Brasil e no mundo. Ainda neste item, trazemos dados históricos sobre os veículos de comunicação pesquisados – *O Norte, Jornal da Paraíba* e *Correio da Paraíba* – e seus respectivos cadernos culturais, de acordo com os objetivos específicos traçados para o desenvolvimento da pesquisa.

Na segunda parte, apresentamos as dicotomias que prejudicam o Jornalismo Cultural nos dias atuais segundo a abordagem de Daniel Piza (2004), além das observações de outros autores acerca do tema.

Na etapa seguinte, com base na fundamentação teórica levantada, analisamos empiricamente o jornalismo local especializado em cultura a fim de constatar a existência das polarizações apontadas pelos autores da área.

Por fim, delineamos as últimas considerações a respeito da magnitude do Jornalismo Cultural em meio ao campo da comunicação e do jornalismo impresso na sociedade brasileira atual, retomando o seu contexto histórico e a sua tradição no mundo inteiro.

Trata-se de um tema de grande relevância nacional por refletir o papel do Jornalismo Cultural, sua contribuição ao longo dos anos e seus pontos críticos na contemporaneidade. O trabalho propõe uma reflexão, sobretudo no meio acadêmico, para que seja revista a forma de fazer esse jornalismo, fomentando uma discussão ampla e mais elaborada sobre o processo produtivo e suas implicações sociais.

A partir das informações descobertas no decorrer da pesquisa, apontaremos alguns direcionamentos para o longo caminho a ser percorrido até que o Jornalismo Cultural reconstitua seu poder de influência e expressão visto em tempos remotos.

Metodologia

Os procedimentos metodológicos empregados na realização do presente trabalho consideram os veículos impressos espaços ideais para a divulgação da cultura em toda a sua plenitude, devido ao maior espaço de reflexão e aprofundamento em comparação aos outros meios.

De forma sistematizada e planejada, construímos estratégias necessárias para alcançar os resultados esperados durante o período de quatro meses para conclusão do estudo.

Sendo assim, iniciamos uma pesquisa para levantamento bibliográfico na área do Jornalismo Cultural, juntamente com a coleta de matérias relacionadas ao tema, publicadas nos cadernos culturais dos jornais escolhidos como objeto de estudo. Ao todo, durante o mês de junho de 2007, foram reunidas 30 edições do *Correio da Paraíba*, único periódico a circular às segundas-feiras, 26 do jornal *O Norte* e 26 do *Jornal da Paraíba*.

O período estabelecido para a análise deve-se à intensa programação cultural em comemoração aos festejos juninos e ao clima de férias proporcionado pelo mês, fatores que estimulam a realização de eventos no estado da Paraíba. Assim, com base na fundamentação teórica, verificamos, além das clássicas polarizações que comprometem o exercício desse jornalismo especializado, outro fenômeno destacado pelos autores e especialistas no assunto: o atrelamento das matérias à programação da agenda cultural.

Após uma análise geral do conteúdo coletado, visando a observação de todos os assuntos retratados pelos cadernos, selecionamos quatro

matérias de cada jornal, obedecendo ao critério de seleção pelos seguintes temas artísticos: música, cinema, teatro e literatura, por serem estes os mais acessíveis e de maior interesse do público em geral. O tema “televisão” não foi incluído pelo fato da maior parte das matérias referentes ao assunto serem escritas por colaboradores de outros jornais e agências de notícias.

Depois da leitura, organizamos os dados levantados em fichamentos para consulta, selecionando e anotando conceitos importantes. Em seguida, realizamos uma filtragem em todo o material acumulado.

Como suporte teórico, utilizamos também outros periódicos especializados em Jornalismo Cultural, levantando informações complementares e atualizadas (disponíveis na Internet) que facilitaram a análise discursiva e o aprofundamento no tema proposto.

Analisamos de modo qualitativo os elementos de cada matéria selecionada, verificando os aspectos discutidos. Ou seja, nosso trabalho adota inicialmente uma linha bibliográfica, documentando os fenômenos no processo de construção dos textos jornalísticos que abordam cultura.

E, por fim, tecemos as considerações do nosso estudo, convergindo para a importância da formação de um Jornalismo Cultural de qualidade, que atenda à demanda da população interessada em conhecer mais sobre o assunto, incentivando, assim, uma sociedade mais reflexiva que contribua para o desenvolvimento do país.

Contudo, é válido salientar que a presente monografia, distante de possuir um caráter definitivo, propõe apenas um recorte temporal dos cadernos culturais dos jornais paraibanos para constatar se as polarizações apontadas por nossa linha de pesquisa são realmente encontradas nos impressos locais.

História do Jornalismo Cultural

Jornalismo e Crítica Cultural – Origem e evolução

O Jornalismo Cultural, dedicado às ideias, valores e artes, é produto de uma era que se iniciou depois do Renascimento. De acordo com Piza (2004), quando as máquinas começaram a transformar a economia, a imprensa já tinha sido inventada – por Gutenberg, em 1450 – e o Humanismo se propagava da Itália para toda a Europa, influenciando o teatro de Shakespeare na Inglaterra e a filosofia de Montaigne na França.

Não há como assegurar precisamente como esse jornalismo especializado surgiu. Mas Piza (2004) afirma que ele nasceu na cidade e com a cidade.

A revista diária britânica *The Spectator*, fundada em 1711 pelos ensaístas ingleses Richard Steele e Joseph Addison, é considerada por diversos autores um marco dos primórdios do Jornalismo Cultural. A publicação foi lançada com a finalidade de tirar a filosofia do âmbito acadêmico, dos gabinetes, bibliotecas, escolas e faculdades, e levá-la para espaços sociais, como clubes e assembleias, casas de chá e cafés.

A revista falava de tudo – livros, óperas, costumes, festivais de música e teatro, política – num tom de conversação espirituosa, culta sem ser formal, reflexiva sem ser inacessível, apostando num fraseado charmoso e irônico que faria o futuro grão-mestre da crítica [...] podia tratar dos novos hábitos vistos numa casa de café, como temas em discussão e roupas na moda, ou então cri-

ticar o culto às óperas italianas e o casamento em idade precoce (PIZA, 2004, p. 12).

O Jornalismo Cultural inglês, expresso na revista *The Spectator*, era fruto do ensaísmo humanista e mesclava os estilos mundano e erudito presentes nos Ensaios de Montaigne. Segundo Piza (2004), as conversações de Addison e Steele tinham como público leitor o homem da cidade, moderno, preocupado com a moda, de olho nas novidades para o corpo e para a mente, exaltado diante das mudanças do comportamento e da política.

Contemporâneas da *The Spectator* na avaliação de ideias e valores em diversos campos das artes, três outras publicações produzidas por escritores, voltadas para o mesmo público urbano, são apontadas por Jorge Rivera (2000).

Desde o começo do século XVIII, com a produção pioneira de jornalistas-escritores como Swift, Defoe, Addison e Steele para periódicos como *The Taler*, *The Spectator*, *The Review* e *The Examiner*, o campo do chamado Jornalismo Cultural não parou de crescer e se expandir para o mundo inteiro, com um aspecto mais de *houte vulgarisation* e do profundo processo de socialização e diversificação cultural deflagrado pela imprensa de Gutenberg, em meados do século XV (Rivera, 2000, p.41, apud LOPEZ e FREIRE, 2007).

Logo o Jornalismo Cultural inglês ganhou influência e ajudou a dar a luz a movimentos importantes como o Iluminismo do século XVIII, que segundo Piza (2004) serviu de inspiração para grandes escritores

como Voltaire, autor que atribuiu ao pensamento inglês o valor determinante para as suas ideias sobre justiça e independência.

Para Sérgio Luiz Gadini (2004), o Jornalismo Cultural se expandiu em outros centros europeus simultaneamente ao fortalecimento dos estados nacionais, ao surgimento do público e à demanda por produtos culturais. O autor explica que em Lisboa o seu crescimento ocorreu a partir de 1755, destacando que somente após 1800 foi possível observar marcos históricos de uma atividade cultural mais intensa, em lugares como Paris, Barcelona e algumas cidades italianas. Embora o ensaísmo tenha sido um gênero típico desse período, a crítica também passou a se destacar no Jornalismo Cultural. Ambos os gêneros ganharam força e influência em meados do século XVII, com o crescimento da industrialização.

Com o efeito multiplicador da imprensa, iniciava-se então a era de ouro do jornalismo europeu que, na concepção de Piza (2004), era tão influente na modernidade quanto as revoluções políticas, as descobertas científicas, a educação liberal ou o romance realista. Assim como Rivera (2000), o autor citou a contribuição literária do irlandês Jonathan Swift, autor de panfletos satíricos como *A batalha dos livros*; de Daniel Defoe, autor de *Robson Crusoe*; e do consagrado crítico Samuel Johnson, um dos homens de letras mais respeitados do seu tempo, como jornalistas e escritores fundamentais na construção desse consagrado período do jornalismo.

De acordo com o pesquisador, o Jornalismo Cultural europeu, produzido por nomes como William Hazlitt, crítico e polemista político que influenciou a conquista de direitos pelos cidadãos, foi de suma importância para as revoluções sociais. Piza (2004) acredita que através da cultura dos panfletos e pasquins nas ruas das cidades, a Revolução francesa ganhou vigor e algum rumo.

Ainda segundo Piza (2004), à medida que a industrialização tomava conta da Europa e da história, em meados do século XIX, o jornalismo e a crítica cultural se tornavam mais influentes. O autor cita como nomes que marcaram a época John Ruskin, na Inglaterra, grande influenciador para a literatura moderna do francês Marcel Proust, que também atuou como crítico nas páginas do jornal *Le Figaro*; e seus antecessores Saint-Beuve, Charles Baudelaire, Denis Diderot e o alemão G.E. Lessing.

Um levantamento realizado pelo pesquisador mostra que o Jornalismo Cultural não se situou apenas na Europa, e chegou à América juntamente com a Industrialização do século XIX, nos Estados Unidos pré-Guerra Civil, através de nomes como Edgar Allan Poe, mais conhecido por seus contos de mistério e poemas como *O Corvo*.

Com o crescimento do país e a consolidação da cultura, na segunda metade do século XIX surgiam novos nomes como o romancista Henry James, que defendeu o romance como criação intelectual e criticou histórias sentimentais escritas para o sucesso popular.

Piza (2004) assegura que foi nesse mesmo período que o Jornalismo Cultural ganhou força no Brasil, através de importantes críticos nacionais como Machado de Assis, que começou a carreira como crítico de teatro e polemista literário e dividiu a cena com José Veríssimo, Sílvio Romero e Araripe Junior.

Gadini (2003) aponta o surgimento do Jornalismo Cultural no Brasil num marco anterior ao indicado por Piza (2004), mas só considera o crescimento real desse jornalismo especializado a partir de 1930.

Como se sabe, esse processo só vai acontecer no Brasil – ainda que de forma lenta, devido ao alto índice de analfabetismo, baixa

concentração urbana, dentre outros fatores – a partir do século XIX, tendo como marco a vinda da família real em 1808. Na prática, em termos urbanos e públicos, só vai ser possível falar em consumo e crítica cultural algumas décadas mais tarde. Ou, para ser exato, a partir das últimas décadas daquele século. E, de modo mais significativo, a partir dos anos 1930 (GADINI, 2003a, p.217, apud LOPEZ e FREIRE, 2007).

A concepção de Rivera (2000) complementa essa teoria relacionando o crescimento do Jornalismo Cultural nas primeiras décadas do século XX ao surgimento dos movimentos culturais e literários de vanguarda. Na visão do autor, os movimentos motivaram a publicação de diversas revistas que representaram suas propostas ideológicas e estéticas, como *Klaxton*, *Revista de Antropofagia*, *Estética*, *Terra Roxa*, *Leitura*, *Dom Casmurro*, *Diretrizes*, *Espírito Novo* e *Hierarquia*.

No final do século XIX, o jornalismo começou a passar por uma série de mudanças, assim como o estilo da crítica cultural feita em periódicos, que ganhou uma conotação mais social, misturando polêmica política, observação social e análise estética, como fazia o irlandês George Bernard Shaw, citado por Piza (2004).

As críticas das artes saíram de seu circuito de marfim: Shaw as lançou no meio da arena social, exigindo que se comprometessem com as questões humanas vivas, mostrando, por exemplo, que uma ópera de Mozart era composta de muitos mais elementos que as belas melodias e o figurino pomposo. O crítico cultural agora tinha de lidar com as idéias e realidades, não apenas com formas e fantasias (PIZA, 2004, p.17).

Na opinião do autor, essa mudança defendida por Shaw criou um novo modelo de Jornalismo Cultural que serviu de espelho para outros pontos do globo.

Com o surgimento da arte moderna, o jornalismo passou por uma renovação. O que antes era feito de escasso noticiário, muito articulismo político e discussões sobre livros e artes, com a virada do século XX passou a se pautar por reportagens e relatos de fatos, resultando num processo de profissionalização que tomou a forma moderna.

As revistas e tabloides desempenharam papel fundamental no Jornalismo Cultural durante essa modernidade, influenciando movimentos de vanguarda, como o surrealismo francês, o futurismo russo, o imagismo americano e o modernismo brasileiro. Piza (2004) explica que a expansão das vanguardas estava diretamente ligada ao crescimento da imprensa, dos recursos gráficos, do público urbano ávido por novidades.

Esse período foi marcado por nomes como o artista irlandês Oscar Wilde, os poetas americanos Ezra Pound e T. S. Eliot e os consagrados apenas pela arte de fazer crítica, H. L. Mencken e Edmund Wilson.

A revista *New Yorker*, em que Wilson escreveu, foi estrela nas décadas de 1940 e 1950 e se tornou referência entre os jornalistas, tendo revelado críticos mordazes como Pazuline Kael na área de cinema, Lewis Mumford tratando de arquitetura, e Arlene Croce escrevendo sobre dança.

A publicação ainda lançou importantes escritores como Truman Capote e foi responsável por impulsionar um estilo que chamamos hoje de jornalismo literário, o jornalismo com os recursos da literatura, presente em famosas reportagens como *Hiroshima*, de John Hersey. Esta, baseada num relato de seis sobreviventes da bomba atômica que

devastou a cidade de Hiroshima, foi considerada a melhor reportagem da história, segundo Santos (2002). O trabalho foi desenvolvido após uma apuração exaustiva do fato e utilizou técnicas do texto literário para envolver o leitor.

A *Esquire*, publicação concorrente da *New Yorker*, num período em que a política contaminava o Jornalismo Cultural, era associada ao “New Journalism”, através de seus escritores Norman Mailer e Gay Talese, que misturavam história verídica e ritmo ficcional.

O Jornalismo Cultural também se atualizou, descobrindo a reportagem e a entrevista, além de uma crítica de arte mais breve e principiante. O crítico, segundo Piza (2004), tornou-se “mais incisivo e informativo, menos moralista e meditativo”.

Ainda no início do século XX, com a entrada da indústria cultural como novo elemento nesse processo, tanto o saber jornalístico quanto a concepção do que é cultura foram modificados. Segundo os autores Denise Siqueira e Euler David de Siqueira (2004), a partir desse momento as obras passaram a ser produtos acessíveis ao consumo, deixando de lado a imponência e exclusividade dos salões, através da produção em larga escala. “Em resumo, o valor de uso de uma ópera, de um livro, de um disco, de um espetáculo de dança, aos olhos do capital, é poder realizar o valor da troca ali contido permitindo a valorização e a acumulação do capital” (SIQUEIRA e SIQUEIRA, 2004, apud LOPEZ e FREIRE, 2007).

Os autores explicam que, absorvendo a nova lógica da indústria cultural, o jornalismo especializado passou a focar cada vez mais o campo artístico, no que diz respeito à divulgação das obras.

Na prática das redações, assessorias de comunicação e da imprensa, divulgadores, representantes de gravadoras e de patrocinadores disputam a pauta. Editores, repórteres e pauteiros têm que lidar com essa questão cotidianamente. A disputa por um espaço que é jornalístico, mas tem um peso comercial, faz os trabalhos em cadernos de cultura terem como característica a dialética entre o discurso sobre arte/ espetáculos/ questões contemporâneas e o capital ou entre valor de uso e valor de troca (SIQUEIRA e SIQUEIRA, 2004, p.2, apud LOPEZ e FREIRE, 2007).

Já na segunda metade do século XX, a crítica passou a ocupar cada vez mais espaço nos jornais diários e revistas de notícias semanais como a americana *Times*, conforme Piza (2004), seguindo um estilo mais breve, sem deixar de ser poderoso, rápido e provocativo.

O autor argumenta que, nos últimos anos, o Jornalismo Cultural vem se expandindo para os livros, através das biografias e das coletâneas de ensaios e críticas. A internet, segundo ele, também vem servindo como caminho alternativo, com sites e blogs dedicados a livros, artes e ideias, promovendo fóruns e debates e superando a imprensa escrita nos quesitos interatividade e espaço para aprofundamento do tema.

Entretanto, na opinião de Rivera (2000), ainda há outros tipos de publicações significantes, como podemos exemplificar as revistas literárias de pequena circulação, publicações acadêmicas altamente especializadas, fanzines, revistas de divulgação que trabalham com recortes temáticos muito diferenciados entre si e coleções em fascículos.

Ainda assim, considerando os grandes críticos como profissionais escassos, Piza (2004) observa que o Jornalismo Cultural perdeu muito de sua cientificidade, já que a maioria dos profissionais está preocupada em repercutir os sucessos de audiência. O autor explica que na

grande imprensa há um domínio de assuntos como celebridades e um rebaixamento geral dos critérios de avaliação dos produtos.

Há espaço para recuperar parte dessa influência, pois o bombardeio de dados e informações da era eletrônica criou uma carência ainda maior de análises e comentários, que suplementem argumentos, perspectivas e contextos para o cidadão desenvolver senso crítico e conectar disciplinas (PIZA, 2004, p.32).

Para recuperar sua expressividade e influência na cultura mundial, o Jornalismo Cultural precisa recuperar a sua essência científica, e um caminho para se chegar a esse objetivo é através da formação dos novos profissionais, como aponta o autor Wellington Pereira (2006).

A formação universitária ajuda a melhorar este juízo de valor, principalmente, se este jornalista tiver o prazer em ler Luís da Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, ou por outro lado, os clássicos da área filosófica e social a exemplo de Kant ou Michel Maffesoli; para descobrir a construção das formas estéticas, para aplicar na vida cotidiana princípios filosóficos básicos. Um jornalista com bom repertório você conhece pelo texto, logo no primeiro parágrafo (PEREIRA, 2006, apud SOARES, 2007).

O Jornalismo Cultural no Brasil

Embora os primeiros cadernos especializados só tenham aparecido no século XX, assuntos culturais sempre permearam a imprensa desde o seu surgimento. De acordo com Gomes (2005), basta vermos os títulos completos do nosso primeiro jornal, *Correio Braziliense* ou

Armazém Literário, e da primeira revista, *As Variedades* ou *Ensaio de Literatura*.

Contudo, segundo o autor, o Jornalismo Cultural no Brasil seguiu uma trajetória semelhante aos demais países, e após o legado iniciado por Machado de Assis e José Veríssimo, o crítico profissional foi ganhando espaço nas análises das obras e da cena literária e cultural.

Pereira também afirma que mesmo antes da modernização industrial, no século XX, a imprensa brasileira já havia atingido a sua “maturidade linguística”.

Os grandes jornais capazes de reorientar sua política editorial, deixando o vínculo doutrinário imposto pelos grupos políticos de forma ainda tímida, partem já para a consolidação da atividade jornalística enquanto empresa na primeira década deste século (PEREIRA, 1994, p.105).

O autor relata que os textos jornalísticos da época rompiam com as formas já conhecidas de passar informação, mas incutiam ideologias e estéticas da nova classe social burguesa, dividindo seus assuntos entre os fatos do dia e os temas que não estavam presos ao cotidiano.

Estas categorias de textos que habitam no discurso jornalístico do século XIX vão demonstrar que a divisão social do trabalho, na confecção da informação, passa a influir na determinação de publicar quaisquer textos, porque o jornal não vende apenas a informação, mas as fantasias e a forma de lazer da nova sociedade (PEREIRA, 1994, p.35).

Piza (2004) aponta os escritores Lima Barreto e Mário de Andrade como nomes que marcaram época também como críticos culturais, escrevendo para o *Diário de São Paulo* e revistas como *O Cruzeiro*. Esta última, conforme o pesquisador, teve entre seus colaboradores Vinicius de Moraes, José Lins do Rego e Millôr Fernandes, além de Anita Malfatti e Di Cavalcanti como ilustradores.

A crônica teve um papel fundamental no jornalismo nacional, atraindo para ele a literatura. Esse gênero era o preferido de escritores como Machado de Assis, João do Rio, Carlos Drummond de Andrade e Rubem Braga, se tornando assim, na opinião de Piza (2004), uma modalidade inegável do Jornalismo Cultural brasileiro.

Piza (2004) expõe que a grande época na crítica em jornal no Brasil começou na década de 1940, se estendendo até os anos 1960, com o destaque para os críticos Otto Maria Carpeaux e Álvaro Lins, que aliaram o jornalismo ao enciclopedismo, combinando visões políticas sensatas com um apurado ensaio estilístico.

Seguindo a trajetória traçada por Piza (2004), o *Correio da Manhã* criou nos anos 1950 um caderno cultural dominical, o *Quarto Caderno*, pelo qual passaram Ruy Castro, Sergio Augusto, Nelson Rodrigues, Carlos Heitor Cony, que teve entre seus editores o polemista Paulo Francis, no auge da publicação, em 1967 e 1968.

O *Jornal do Brasil*, no final da década de 1950, juntamente com o *Última Hora* e o *Diário Carioca*, estabeleceu um novo padrão gráfico e editorial, mais preocupado com a reportagem e o visual, e o *Caderno B* se tornou o precursor do moderno Jornalismo Cultural no Brasil, com a colaboração de escritores como Clarice Lispector e Ferreira Gullar.

Um novo experimento jornalístico tomou conta do país em 1969, com o tabloide *O Pasquim*, publicação alternativa que mudou a lin-

guagem do jornalismo brasileiro através do humor de Ziraldo, Millôr Fernandes, Sérgio Augusto, Jaguar e Paulo Francis. Contudo, a época de ouro do tabloide foi curta devido a problemas com a ditadura, brigas internas e dificuldades financeiras.

Até a década de 1980, os principais jornais paulistas, a *Folha de S. Paulo* e o *Estado de S. Paulo*, consolidaram seus cadernos culturais diários, com reportagens com tons autorais, em que os críticos endossavam opinativamente aquilo que anunciavam.

Léia Camargos (2005) defende a importância de suplementos literários semanais por serem “fonte a que se pode recorrer para aprofundar o conhecimento de literatura”. Segundo a autora, que também aponta os suplementos dos jornais *Minas Gerais*, *O Globo* e *Jornal do Brasil* como os mais significativos do país nas décadas de 1950 a 1980, os periódicos se tornaram veículos da crítica especializada emergente, empenhada em tornar a literatura acessível a uma massa de leitores e, simultaneamente, refletir e teorizar sobre tendências e talentos no exato momento em que afloram.

Entre os periódicos citados, merece destaque o *Suplemento Literário do Estado de S. Paulo*, considerado pelos especialistas um marco do Jornalismo Cultural brasileiro. Idealizado por Antonio Candido e dirigido por Décio de Almeida Prado, o suplemento que circulou de 6 de outubro de 1956 a 17 de dezembro de 1966 mantinha entre os seus colaboradores nomes como Wilson Martins, Paulo Emilio Salles Gomes, Ruy Coelho e Lívio Xavier, autores que se tornaram referências em suas áreas de atuação específicas – críticas de literatura, cinema e antropologia –, reunindo os maiores talentos de uma geração.

(...) o Suplemento (...) pretendia ser uma revista semanal de cultura. Mas já no plano inicial, Cândido frisava que se devia evitar os dois extremos ‘o tom excessivamente jornalístico e o tom excessivamente erudito’, o primeiro porque não pesaria na opinião, não contribuiria para criar hábitos intelectuais, não colocaria o leitor em contato com o pensamento literário; o segundo, porque seria de leitura penosa (LORENZOTTI, apud ZANIN, 2007).

O diretor do periódico explica que o principal elemento que contribuiu para o sucesso do jornal foi a atemporalidade dos assuntos abordados.

O jornal, por definição, por decorrência, poder-se-ia dizer, da própria etimologia da palavra, vive dos assuntos do dia (...) A perspectiva do Suplemento tinha, pois, de ser outra, mais desapegada da atualidade, mais próxima da revista que, visando sobretudo a permanência, pode dar-se ao luxo de considerar mais vital a crônica dos amores de um rapaz de 18 e uma menina de 15 anos na Verona pré-renascentista, do que qualquer fato de última hora, pelo motivo de que as crises, as guerras, até os impérios, passam com bem maior rapidez que os mitos literários, muitos dos quais vêm acompanhando e nutrindo a civilização ocidental há pelo menos 30 séculos (PRADO, apud LORENZOTTI, 2007).

Lorenzotti (2007) reforça a importância do *Suplemento* apresentando-o como “um veículo transmissor de idéias, um intermediário, um mediador cultural que teve seu importante papel na reflexão e na difusão da crítica cultural da cidade e do País”. Segundo a autora, o periódico influenciava diretamente os artistas e formadores de opinião, pessoas que estavam, de alguma forma, ligadas às letras, às artes plásticas, à música, ao cinema, ao teatro e à dança. “Encontrei e encontro

pessoas que mantêm coleções do Suplemento em casa, que estudaram nele e o utilizaram para dar aulas”.

Com base na análise das publicações citadas anteriormente, Lorenzotti (2007) afirma que a opinião perdeu relativamente o peso no jornalismo cultural dos anos 90, dando lugar a agendas culturais e assuntos que não fazem parte das chamadas “sete artes”, como moda, gastronomia e design, modelo que persiste até os dias atuais.

○ Jornalismo na Paraíba

Seguindo os passos do Jornalismo Cultural no mundo, e no Brasil, especificamente, o surgimento desse jornalismo especializado na Paraíba se confunde com a história do nascimento da própria imprensa no Estado.

Como é difícil mensurar uma data exata do nascimento do Jornalismo Cultural especializado, partimos do pressuposto do seu surgimento simultâneo ao do jornalismo na Paraíba, seguindo a tendência notada no mundo todo: da imprensa ser abrigo de literários que a enxergaram como um espaço para dar vazão às suas obras. Em consequência, o viés cultural se reflete na produção.

De acordo com uma pesquisa realizada por Fátima Araújo (1983), um marco na história da imprensa paraibana foi dado em 1826, “quando se fundou o primeiro jornal do nosso Estado – *Gazeta do Governo da Paraíba do Norte*”. A autora traça um paralelo entre o primeiro jornal da Paraíba, editado em 29 de agosto de 1826, pelo inglês Walter S. Boardman, e o primeiro jornal do Brasil, que é a *Gazeta do Rio De Janeiro*, de 10 de setembro de 1808. Já o autor Wellington Pereira (1994) destaca que, três meses antes do lançamento da *Gazeta do Rio de Janeiro*, exis-

tia o *Correio Braziliense*, editado em Londres por Hipólito da Costa, “a quem se atribui o título de ‘fundador’ da Imprensa brasileira”.

Contudo, para Araújo (1983), foi a partir de 1826 que “registrou-se na Paraíba uma história bonita de periódicos ecléticos e ideológicos, quase sempre fundados com garra e idealismo”.

Um desses periódicos citados pela pesquisadora foi o jornal da Diocese – *A Imprensa*. Surgido em 1897, quatro anos após a fundação do jornal oficial *A União*, a publicação seguiu um perfil católico doutrinário, noticioso, que possui importância na imprensa paraibana por ter se tornado um órgão de projeção, que marcou época. Fundado pelo 1º Bispo e 1º Arcebispo do Estado da Paraíba, D. Adauto Aurélio de Miranda Henriques, a publicação, lançada em 27 de maio, teve como primeiro redator-chefe o padre José Tomaz, que trabalhou em conjunto com outro religioso, Manoel Paiva. De acordo com a autora, o jornal em questão teve grande aceitação por parte da opinião pública.

Era um jornal corajoso e trazia editoriais belíssimos, peças opinativas e também reportagens interpretativas bastante recheadas, e para a época foi considerado um jornal maravilhoso. Além da grande aceitação, ele teve um papel relevante para a nossa sociedade. Foi despertando a ira de alguns políticos, aqui e acolá saía de circulação, entrava em eclipse, por falta de recursos, por falta de apoio, tudo por conta de pressões. Até que na década de 60 ele fechou para sempre. Estão lá somente as coleções arquivadas, no arquivo da Diocese (ARAÚJO, 1983, p.149).

Anterior ao periódico *A Imprensa*, o jornal *A União*, o mais antigo do estado em circulação, foi fundado em 3 de fevereiro de 1893. Segundo o pesquisador Odilon Ribeiro Coutinho, “foi *A União* que

orientou a mídia na Paraíba, desde os fins do século passado”. Contudo, constata ele, “o jornal ficava sempre a serviço dos governos, como acontece até hoje”.

Do ponto de vista histórico, o depoimento de A UNIÃO é um depoimento suspeito porque foi um jornal sempre atrelado aos interesses do poder. Não foi um jornal imparcial. Mesmo que não tivesse sido imparcial, se porventura acolhesse algumas opiniões ou movimentos de oposição, ele expressaria a verdade histórica da época (COUTINHO, 2007).

Embora desde o princípio tenha sido um veículo de comunicação oficial, o jornal *A União* também aborda a cultura em seu caderno especializado. Além do *Caderno Cultura*, o periódico traz encartado, quinzenalmente, aos finais de semana, o suplemento literário *Correio das Artes*.

Em formato de revista, o *Correio das Artes* é o suplemento literário mais antigo em circulação no Brasil. Fundado em 27 de março de 1949 por Édson Régis, o *Correio* pelo menos até 2008, ano de desenvolvimento desse estudo, é editado por Linaldo Guedes, com editoria de Artes de Cícero Félix.

O suplemento funcionava com matérias frias, contendo apenas resenhas, contos, ensaios e poemas... Passamos a ter, junto com as resenhas, os contos, crônicas, ensaios e poemas e reportagens com escritores e intelectuais que faziam algum tipo de trabalho que tivesse vinculação com a literatura. De modo que tornamos o suplemento mais dinâmico e surpreendente, já que cada edição semanal tem uma reportagem diferente. Assim é que demos ca-

pas para nomes como Braulio Tavares, Moacir Japiassu, Sérgio de Castro Pinto, Alexei Bueno, José Nêummane Pinto, Alberto da Cunha Melo e estamos com capas programadas com Secchin, Mário Chamie e Jomard Muniz de Brito (GUEDES, 2007).

Além do pioneiro *Gazeta do Governo da Paraíba do Norte*, do religioso *A Imprensa* e do oficial *A União*, outros jornais foram lançados no século passado. Contudo, segundo Fátima Araújo (1983), a maioria deles foi de duração efêmera. De acordo com a autora, “houve jornal de sair apenas um número. Alguns duravam mais, mas a grande maioria dos jornais teve vida efêmera. As causas principais eram falta de recursos e o alto índice de analfabetismo”.

Os jornais comerciais de maior expressão, que perduram até hoje em nosso estado, são: *O Norte*, *Correio da Paraíba* e *Jornal da Paraíba*.

O primeiro, que é o mais antigo dos três, foi fundado em 7 de maio de 1908, pelos irmãos Oscar e Orris Soares, filhos de comerciantes portugueses, numa época em que a cidade de João Pessoa se chamava Parahyba do Norte. Segundo o jornalista Henrique França (2006), “do nome da cidade, naqueles tempos, provavelmente teria surgido a marca *O Norte*”.

Os irmãos fundadores daquele jornal - tios-avós do apresentador Jô Soares - não tinham na comunicação seu principal terreno de atuação, mas deram formato a um veículo da imprensa escrita (...). Em apenas quatro páginas, as primeiras edições de *O NORTE* não deixavam muito a desejar dos projetos gráficos e editoriais dos grandes centros do início do século XX. O clima no País era de euforia e o mais novo *Jornal da Parahyba do Norte* trazia prenúncios de mudanças no Estado (FRANÇA, 2006).

O perfil do jornal, segundo o jornalista Gonzaga Rodrigues, diferenciou-se dos jornais oficiais por não estar atrelado a grupos políticos, e abriu espaço para um gênero jornalístico mais aprofundado, a reportagem.

Em lugar do clássico soneto que abria as primeiras páginas da época ou do folhetim transcrito dos jornais portugueses e franceses, o jornal de Orris Soares abria espaço à ampla reportagem. Nas primeiras edições abre fogo contra o cangaço, a insegurança daqueles tempos que, como o tráfico de drogas de hoje, em tamanho bem menor, tinha a sua sustentação no coronelato ou nos mandões da economia e da política. (...) Em vez de porta-voz de grupos políticos, tomou o partido das classes produtoras, sobretudo do comércio. O comércio, nessa época, era o contingente social mais progressista, mais avançado, fomentando em seus cafés e ‘senadinhos’ da Maciel Pinheiro as idéias remanescentes do abolicionismo recém-vitorioso, das práticas positivas, do cientificismo (RODRIGUES, apud FRANÇA, 2006).

Após 46 anos de fundação, o jornal *O Norte* se integrou ao sistema de comunicação nacional de Assis Chateaubriand, o Diários Associados, grupo do qual passou a fazer parte também o *Diário da Borborema*, desde 1957, permanecendo pelo menos até 2008, ano de conclusão desta pesquisa.

Em 5 de agosto de 1953, a Paraíba passou a contar com um novo periódico de notícias: o jornal *Correio da Paraíba*. Fundado por Teotônio Neto, o jornal teve como primeiro diretor Afonso Pereira. De acordo com Araújo (1986), a periodicidade do *Correio* era semanal, passando a ser diária após alguns meses, devido ao sucesso alcançado entre os leitores paraibanos.

Primando pela cobertura de assuntos políticos, o jornal acompanhou as administrações estaduais e todo o desenvolvimento social e estrutural da região, além de problemas como a seca, que afetou fortemente a região a partir de 1958.

O último dia do governo José Américo, que tinha assumido em 1950, foi todo documentado pelo Correio. Matéria completa com o flash-back dos momentos mais decisivos da administração: a estiagem no interior paraibano, o crédito para a agricultura, o apoio às comunicações (ARAÚJO, 1986, p. 288, apud SOUZA, 2007).

Entretanto, segundo Araújo (1986), foi no início dos anos 70 que o jornal passou a abrir espaço para as artes, publicando trabalhos de escritores paraibanos em folhetins. “Dois romances de Fernando Silveira: *O Cancageiro* e *A cabeça de João Batista* foram publicados desta forma pelo *Correio*”.

De acordo com Souza (2007), os anos 90 foram marcados pela entrada da nova equipe de editores, sob o comando da jornalista Lena Guimarães. “Com sua chegada, houve uma reformulação no projeto editorial, dando origem a novos cadernos, tais como *Homem & Mulher*, *Millenium*, entre outros”.

O mais recente dos três jornais que serviram de objeto de estudo para o nosso trabalho é o *Jornal da Paraíba*. Fundado em 5 de setembro de 1971, em Campina Grande, o jornal foi idealizado por um grupo de empresários formado por João Rique Ferreira, José Carlos da Silva Junior, Raimundo Lira, Humberto Almeida, Júlio Costa, Ademar Borges da Costa, João Batista Dantas, Arthur Monteiro, Josusmá Coelho Viana e Maurício Almeida.

No período de desenvolvimento deste estudo, os cadernos culturais dos três jornais de maior circulação no estado se destacavam através de nomes como Ricardo Anísio, William Costa e Adriana Crisanto (*O Norte*); André Cananéa, Astier Basílio e Renato Félix (*Jornal da Paraíba*) e Augusto Magalhães, Breno Barros, Jamarrí Nogueira, Ana Felipe e Carlos Aranha (*Correio da Paraíba*).

Polarizações do Jornalismo Cultural

Após o período “dourado” das publicações bem conceituadas e dos críticos culturais brilhantes, o Jornalismo Cultural moderno começou a passar por crises de identidade, acentuadas a partir da metade do século XX. Piza (2004) explica que, com o surgimento dos chamados meios de comunicação de massa, como o rádio, o cinema e a televisão, a discussão do papel do Jornalismo Cultural diante dessa nova realidade tornou-se cada vez mais necessária.

Contudo, segundo o autor, não se pode negar a importância do Jornalismo Cultural como parte integrante da expansão da tal “indústria cultural”, que continua transformando o setor de entretenimento em um dos mais importantes da economia global.

O pensador Walter Benjamin, da Escola de Frankfurt, já anunciava em seu ensaio *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica* (1986) que a arte, em tempos industriais, estava perdendo sua “aura”, transformando-se em produto para consumo instantâneo, abrindo mão de seu papel perturbador e reflexivo.

Entretanto, seria um equívoco ignorar o valor e a qualidade sólida de muitas obras de arte feitas para o grande público, o que torna a arte, através da expansão industrial, mais democrática e diversificada.

Piza (2004) defende que o jornalismo, que faz parte dessa história de ampliação do acesso a produtos culturais desprovidos de utilidade prática imediata, precisa saber observar esse mercado sem preconceitos ideológicos e parcialidades políticas.

Porém, o autor alerta que a imprensa cultural tem o dever do senso crítico e deve avaliar cada obra cultural abrangendo o seu contexto, analisando as induções simbólicas morais que o cidadão recebe, já que as reportagens poderão influenciar diretamente na escolha dos leitores.

De uns tempos pra cá, algumas polarizações têm dificultado a definição de critérios de avaliação de produções culturais pela imprensa especializada, interferindo no exercício do jornalismo claro e preciso. Para recuperar seu poder de influência, o Jornalismo Cultural precisa escapar das dicotomias a fim de redescobrir seu verdadeiro papel.

Neste trabalho apresentaremos as polarizações mais latentes que comprometem a qualidade do Jornalismo Cultural contemporâneo.

Elitismo x Populismo

A primeira polarização apresentada neste capítulo parte do princípio de que o termo “cultura” permite vários significados. Por mais abrangente que possa ser uma definição, dificilmente conseguirá conceituá-la de forma completa e unívoca.

María J. Villa (2000) explica que uma concepção mais superficial define cultura como algo proveniente do conhecimento e, na maioria das vezes, restrito a um grupo de pessoas que detém o “saber” e o “bom gosto”. Para a autora, o termo ainda admite mais duas acepções:

Apesar da amplitude da abordagem do conceito dessas disciplinas [antropologia e sociologia], o uso generalizado imprime ao conceito de cultura uma gama de significados como: 1) estado de desenvolvimento da mente (uma pessoa culta); 2) os processos deste desenvolvimento (os “interesses culturais” ou “os processos

culturais”) e 3) os meios desse processo (as artes e as “produções intelectuais”) (VILLA, 2000, p.5. apud LOPEZ e FEIRE, 2007).

Na visão de Aldo Vanucchi (1999), a cultura deve ser conceituada de forma ampla, considerando toda a complexidade que o problema envolve. O historiador a defende como “algo que não se cristaliza apenas no plano do conhecimento teórico, mas também no da sensibilidade, da ação e da comunicação”.

Já para Alfredo Bosi (1992), não há como utilizar uma unidade prévia que aglutine todos os significados da palavra cultura, ainda mais por estarmos estruturados em uma sociedade de classes.

Se pelo termo *cultura* entendemos uma herança de valores e objetos compartilhada por um grupo humano relativamente coeso, poderíamos falar em uma cultura erudita brasileira, centralizada no sistema educacional (e principalmente nas universidades), e uma *cultura popular*, basicamente iletrada, que corresponde aos *mores* materiais e simbólicos do homem rústico, sertanejo ou interiorano, e do homem pobre suburbano ainda não de todo assimilado pelas estruturas simbólicas da cidade moderna (BOSI, 1992, p.312, apud ESTEVAM e SALOMÉ, 2003).

Para o autor, a expressão também pode remeter “à cultura criadora individualizada de escritores, compositores, artistas plásticos, dramaturgos, cineastas, enfim, intelectuais que não vivem dentro da Universidade, e que, agrupados ou não, formariam, para quem olha de fora, um sistema cultural alto”. Ou ainda pode ser compreendida como “a cultura de massas que, pela sua íntima imbricação com os sistemas de produção, acabou sendo conhecida como indústria cultural”.

Essa pluralidade de acepções do termo muitas vezes leva as pessoas a interpretarem a cultura de forma equivocada, como uma condição inatingível, exclusiva das pessoas cultas. Sob essa ótica, alguns a consideram um privilégio dos que tiveram acesso à educação e sofisticação, classe rotulada como “elitista”.

Porém, de acordo com Piza (2004), a definição de cultura como uma característica elitista é uma oposição à sua democratização.

Há um problema em usar o termo ‘elite’ de modo pejorativo. Afinal, uma coisa ser ‘de elite’ significa ter muita qualidade, estar entre as melhores do seu departamento. Logo, a música de um Pixinguinha – negro, pobre, com pouca educação formal – é elitista, porque se distingue consistentemente das outras por sua força expressiva e elaboração técnica. [...] Seria mais indicado dizer que aqueles que acham que o cinema de Spielberg não é cultura por não estar à altura dos grandes filmes praticam, isso sim, o esnobismo (PIZA, 2004, p.46).

Na opinião do autor, essa visão das pessoas menos instruídas, que têm medo da cultura por considerarem algo distante de ser alcançado, por exigir certo esforço e condições sociais de acesso, acaba resultando num bloqueio, uma espécie de rejeição ou sensação de que nunca chegarão lá.

Segundo Piza (2004) uma das dificuldades do Jornalismo Cultural no jornal impresso é atingir a chamada grande massa, já que não tem o mesmo apelo da TV, que domina os hábitos da maioria e possui uma natureza diferente, de caráter mais imediatista. O meio impresso se utiliza de maior poder de aprofundamento e argumentação, estimulando a reflexão dos leitores. Por isso, numa tentativa de popularizar o discurso, a imprensa escrita corre o risco de cair na banalização e perder o “público

qualificado” que a acompanha, que não se contenta com superficialidades, escândalos e fofocas que fazem sucesso nos tabloides sensacionalistas dos países ricos, como explica Jacinta Dias (2004):

A partir do momento em que a imprensa passa a ver a informação como geradora de lucros surge o que se denomina o sensacionalismo, que consiste em pegar a notícia e modificá-la para que se torne mais interessante aos leitores. Então, eis que surgem as revistas especializadas em contar a vida das pessoas famosas, notícias que omitem certos detalhes, tudo em busca de dinheiro (DIAS, 2004, p.95; apud PEREIRA (org.), p.16-17, 2006).

Contudo, segundo Piza (2004), apesar da televisão ser um meio de maior instantaneidade e impacto, ela continua a se pautar pela imprensa escrita, que possui caráter multiplicador e é fonte de informação dos chamados “formadores de opinião” que procuram a imprensa séria, mais equilibrada e instrutiva. Adriana Baggio (2003), da revista digital *Digestivo Cultural*, traça uma comparação parecida com a internet:

Com a internet, o jornal perdeu sua maior vantagem: a instantaneidade da informação. Se antes os diários apresentavam a notícia fresca, o mais próximo possível do seu acontecimento, hoje esse tempo entre o fato e sua divulgação é muito mais curto na informação on-line. (...) Se a internet é mais rápida e apela para o atrativo da informação visual, o jornal pode ser mais denso, mais completo. As pessoas não destinam o mesmo tempo para a leitura de um texto na internet e de outro em suporte material. Esse é o diferencial que o jornal pode ter em relação à net. E a maneira como esse aspecto é tratado também pode representar o diferencial na concorrência entre os jornais (BAGGIO, 2003).

A busca pelo populismo, além de pôr em risco as publicações que têm “público qualificado”, também pode distorcer realidades culturais, com conceitos equivocados.

Um de seus motes diz que “se uma coisa faz sucesso, é porque é boa”. Há dois equívocos aí. Primeiro, é preciso definir o que é uma coisa boa. Se uma coisa boa for aquela que tem qualidades intrínsecas, que não dependem de modismos, então muita coisa de sucesso não é boa, porque é esquecida em alguns meses e substituída por outra. Outro equívoco é supor que não existam várias modalidades de sucesso. Uma telenovela em horário nobre, por exemplo, é sempre um sucesso garantido, até porque é monitorada e alterada de acordo com pesquisas. Mas uma grande enquête popular dificilmente mostraria muito desacordo sobre quais foram as melhores telenovelas dos últimos trinta anos. E a grande indústria chamada Hollywood está repleta de trabalhos que preenchem todos os requisitos da suposta ‘fórmula de sucesso’ e mesmo assim fracassaram (PIZA, 2004, p.48).

Basta observar que obras de arte de qualidade são raridade, assim como compositores de qualidade são minoria. Como a população é bombardeada por ofertas culturais a todo tempo nos dias de hoje, é importante fornecer elementos que lhe permitam estabelecer parâmetros para fazer escolhas. Mas o Jornalismo Cultural atual não tem definido critérios para tal.

Os critérios de seleção da população acabam se baseando em motivos quase extra-artísticos, como os gêneros, formando indivíduos fiéis a estilos específicos, como romance, policial ou jazz. Essa realidade acaba

formando juízos prévios fundamentados no estilo de vida dessas pessoas, limitando e viciando a sensibilidade para um mesmo tipo de arte.

Piza (2004) alerta para a importância de toda publicação ter um recorte a propor ao seu leitor que vá além das citações em agenda cultural, através do qual consiga expressar olhares sobre tendências do momento em relação ao passado, analisando perdas e ganhos. A imprensa deve tomar cuidado para não se tornar elitista no sentido ideológico que se deu ao termo, sem fazer opções em nome de uma classe intelectualmente “superior” com aversão ao que atinge “a massa”, mas elegendo com clareza e argumentando com fundamentos o que o leitor está interessado em saber e discutir.

Da mesma forma, publicações para públicos mais específicos não precisam endossar o que imaginam que o público vai desejar, ou ignorar o que pareça fora do universo do leitor ou do tema editorial. Podem, como exemplifica Piza (2004), utilizar um filme mais popular, de sucesso, como os de Spielberg, e mostrar elementos que vão além da “historinha humana”. Portanto, segundo o autor, qualquer forma de classificação prévia de filmes, artistas ou discos é complicada, pois o público precisa estar aberto ao que se dispõe assimilar.

Além de estar atrelado a valores como a credibilidade do emissor junto ao seu público, o jornalista cultural precisa tomar cuidado para não se submeter ao calendário de eventos nem se limitar a falar sobre livros, filmes e bandas apenas quando chegam ao mercado. Também é necessário acompanhar os produtos depois que tiveram a sua “carreira”, avaliando a forma como as obras repercutiram junto ao público.

Devido a essas questões, Piza (2004) acredita que o Jornalismo Cultural em dias atuais perde muito da sua capacidade de influência

por negligenciar os pontos aqui tratados, considerados “tão quentes” para a sociedade atual.

Variedades x Erudições

Outro aspecto destacado por Piza (2004) fruto da polarização entre esnobes e populistas tem sido o abismo existente entre os cadernos diários de jornais, ditos de variedade ou artes e espetáculos, e os suplementos semanais focados em literatura, ciências e cultura em geral.

A divisão dos assuntos em si não carrega nenhum problema. O que incomoda o autor é a diferença gritante de tom e abordagem entre os dois tipos de caderno.

Especialistas constatam que os cadernos diários estão se tornando cada dia mais superficiais, misturando assuntos, supervalorizando as celebridades, destacando o colunismo social e destinando o espaço reservado para reportagens com o intuito de divulgar eventos.

Com algumas exceções, os espaços destinados a artigos e matérias sobre música, literatura, cinema e outras manifestações artísticas convivem com as informações consideradas fúteis, como as colunas sociais e o horóscopo (BAGGIO, 2003).

Olavo de Carvalho reforça essa tese, atribuindo a crise de identidade dos cadernos de cultura à escolha equivocada dos assuntos a serem noticiados.

(...) o que acontece nos nossos suplementos culturais é que, em vez de amoldar-se às exigências mais altas da cultura, eles procuram espremê-las no padrão jornalístico de cada publicação, isto é,

nos critérios de interesse vigentes no noticiário geral. Assim, por exemplo, entre um livro excelente sobre assunto alheio ao noticiário geral e um livro ruim sobre assunto de interesse jornalístico, este último é que é valorizado. Com isto, o jornalismo cultural torna-se apenas “jornalismo geral de assunto cultural”, perdendo o que é específico do jornalismo cultural (CARVALHO, 2007).

Já os suplementos semanais se prendem a textos rebuscados de acadêmicos, que geralmente utilizam escrita burocrática e prolixa para tratar de temas imediatamente associados à ideia de erudição. Baggio (2003) acredita que esse tipo de abordagem afasta os leitores.

O jornal, e especialmente o caderno cultural, deve dialogar com o público e com as manifestações que dele emanam. Restringir os artigos aos aspectos eruditos da cultura é assumir uma postura pernóstica. Há espaço para que se examine as culturas ditas populares assim como as elitistas, e mais, as relações entre elas (BAGGIO, 2003).

Na visão de Piza (2004), esse hiato pode ser atenuado se os assuntos forem tratados de forma menos pomposa, ou se outras faixas do repertório cultural de interesse popular forem absorvidas, como futebol e televisão, através de uma abordagem diferenciada e reflexiva. Outros autores também apontam o uso da coloquialidade sem a banalização do texto e da reportagem como o caminho.

(...) precisamos repensar a forma de ser jornalismo literário. Chega de intelectualizar tanto o texto de e sobre literatura. (...) Uma coisa é o texto literário inserido em livro (onde tudo é permitido),

outra coisa é o texto jornalístico sobre literatura. O leitor de hoje em dia, principalmente o leitor de jornal, também é uma pessoa ocupada, que não tem tempo para ler e conferir no dicionário o significado de determinada expressão. Vamos tornar o texto literário para jornal mais coloquial. (...) quanto mais claro e coloquial, mais será entendido e mais empolgará o leitor. Um texto criativo e despretenhoso (sem aquelas horríveis notas de rodapé que não cabem mais numa página de jornal) pode fazer com o que o leitor se excite a ponto de comprar determinada obra resenhada. O mesmo deve ser dito em relação aos jornalistas que lidam com literatura. Nada de pose hermenêutica quando forem falar do novo livro de Chico Buarque. (...) Se o que vende o disco de Caetano é uma boa resenha sobre (mesmo que seja uma crítica feroz, mas inteligível), o que vai vender a nova obra de Ferreira Gullar também será uma resenha clara e de agradável leitura (GUEDES, 2007).

As distorções causadas pelos segundos cadernos e os suplementos intelectuais são muitas, como a que Piza (2004) convencionou chamar de “entronização do pop”, termo geralmente associado à música comercial pós-rock, também usado para denominar toda manifestação cultural de alcance imediato.

O fenômeno destacado pelo autor reflete a supervalorização do movimento da arte pop que começou nos anos 1960 e teve como ícone o americano Andy Warhol. Piza (2004) conta que o artista lidou com a questão da arte de massa, retratando celebridades e produtos do mercado capitalista, argumentando que, dessa forma, estava democratizando a arte moderna, levando ironia às massas. Andy decretou o fim da obra de arte como objeto único a ser cultuado em museu e sacralizado nas universidades, visão que, na opinião do pesquisador, é falha.

Seu maior erro é supor que criações do chamado “mundo erudito” não tenham apelo instantâneo. Quaisquer propagandas de sabonete ou carro, com Mozart, Vivaldi e outros na trilha sonora (...) demonstram o contrário. (...) Shakespeare em seu tempo, a ópera no século XIX e romances de Balzac são exemplos de sucesso popular, para muito além dos círculos conhecedores. (...) A aversão ao passado, que esse conceito de pop alimenta, também é uma forma de esnobismo (Piza, 2004, p. 54).

Outro erro relacionado ao assunto é considerar que o que é pop não exige conhecimento prévio e abordar as obras sem contextualizá-las, dificultando a compreensão dos que não estão familiarizados com o que está na moda da época. Ou então associar o pop à meta de sucesso popular, desvinculado de raízes e atrelados a fórmulas. Por esses motivos, o pop deve ser abordado de uma forma mais ampla e precisa.

A segmentação do mercado cultural, cada vez mais subdividido em gêneros, também interfere negativamente na elaboração dos cadernos culturais. O fenômeno que Piza (2004) convencionou chamar de tribalização ou guetização vem tornando o público cada vez mais divergente e com ideais culturais próprios e diferenciados, sem interesse circunstancial por outros assuntos que não sejam os de sua preferência.

O autor acredita que, ao invés de valorizar a diversidade cultural, a tribalização a distorce e a empobrece. Segundo ele, uma maior sensibilidade para estilos diversos afasta preconceitos, preserva a independência de julgamentos e enriquece a percepção, enxergando nexos entre estilos e as artes.

Piza (2004) apresenta o maior exemplo do aproveitamento dessa diversidade cultural através da música brasileira, que reúne estilos di-

ferentes (rock, forró, MPB, bossa nova), sem deixar de carregar elementos comuns entre eles.

O chamado pop rock brasileiro dos anos 80, por exemplo – aquele feito por Cazuza, Lobão, Paralamas do Sucesso, Legião Urbana –, estava tão próximo da MPB (Jobim, Caetano, Jorge Ben etc.) quanto do pop-rock anglo-americano, ainda que este o tenha influenciado bastante (PIZA, 2004, p. 56).

Outra questão destacada pelos especialistas é a crescente inclusão de temas como Moda, Gastronomia e Design nos cadernos culturais, sobretudo dos anos 1990 para cá. Apesar desses assuntos não possuírem exatamente uma linguagem artística, eles fazem parte do universo cultural e estão entre as reflexões de comportamento, hábitos sociais e contatos com a realidade político-econômica que o Jornalismo Cultural tem o papel de abordar.

Embora essas mudanças tenham contribuído para diversificar os temas da imprensa cultural, os novos assuntos têm tomado cada vez mais espaço das críticas culturais artísticas, ganhando destaques editoriais e deixando os demais numa posição cada dia mais tímida diante da facilidade de temas mais leves e menos sérios. Mas Piza (2004) acredita na possibilidade dos mais variados assuntos coabitarem de forma equilibrada e da abordagem de cada um deles ser realizada de forma mais crítica e menos banalizada.

Jornalismo é dosagem. Temas ditos eruditos podem ser tratados com leveza, sem populismo; e temas ditos de entretenimento podem ser tratados com sutileza, sem elitismo. Suplementos semanais podem ganhar vibração jornalística, mantendo a densidade

crítica; cadernos diários, o inverso. Não há propriamente um método (PIZA, 2004, p. 58).

Nacional x Internacional

Mais uma dicotomia enganosa apontada por Piza (2004), que afeta a riqueza do Jornalismo Cultural, é o tratamento dado a assuntos nacionais e internacionais.

Na opinião do autor, na seção diária ou semanal de grande imprensa, especificamente nas publicações dirigidas ao público com “bom grau de instrução”, é um erro ignorar as notícias de eventos culturais internacionais, pois com a globalização que nos cerca hoje o acesso a obras culturais de outros países está cada dia mais facilitado.

(...) há, claro, em tempos de Internet, aqueles que compram livros e outros produtos em inglês por sites como o Amazon. Mesmo grandes exposições, daquelas improváveis de vir ao Brasil, suscitam interesse já por serem realizadas, quando for em capitais como Nova York, Londres e Paris, o leitor pode ter ainda a chance de visitá-las em viagem. No caso de filmes e discos, então, nem é preciso lembrar como circulam mundo afora (PIZA, 2004, p.59).

Para ele, o preconceito contra temas estrangeiros se situa na falsa noção de que o Jornalismo Cultural se encerra na função de serviço, apenas como um roteiro. Na verdade, uma matéria jornalística – nesta era de multiplicação industrial – é ela mesma um produto cultural, para um consumo que às vezes se esgota em si mesmo. As resenhas têm o papel de levar informação e reflexão para o leitor, que muitas

vezes não chega a consumir as obras comentadas, mas deseja estar informado sobre assuntos e debates.

O jornalista cultural deveria então, como se diz, separar o joio do trigo – informar e, mais do que isso, formar o leitor, através de sua bagagem e de seu julgamento crítico. Infelizmente, porém, predomina hoje o jornalismo de agenda, onde as vedetes são os guias de fim de semana, e o *modus operandi* (até em termos de linguagem) é o mesmo da divulgação publicitária (BORGES, apud FONSECA, 2006).

Piza (2004) acredita que as matérias que analisam eventos culturais estrangeiros também sofrem resistência por serem analisadas por alguns como “submissão” ou atitude de colonizado, uma visão preconceituosa contra o que vem de fora. Para fugir dessa ideia, ele sugere que a abordagem seja bem dosada, dividindo o espaço com assuntos nacionais, sem dar atenção demais para um lado e de menos para o outro, promovendo, assim, a comunicação entre as culturas.

A indústria cultural, hoje, revela-nos uma tensão constante entre culturas tradicionais e uma lógica global, onde ambos se nutrem, se impõem, gerando assim uma identificação do público com valores regionais que afirma a diferença e o pertencimento, paralelo ao sentimento de interação com essa lógica global. Esta tensão do local e do global se configura nos conteúdos da mídia, sob a lógica do entretenimento e das novas tecnologias, as quais exercem impactos no “fazer jornalístico” e seus conteúdos nas mídias tradicionais como os jornais impressos (BOTELHO, 2005).

Segundo Piza, alternando intensamente entre o nacional e o internacional, lançando pontes entre ambos, o Jornalismo Cultural só ganhará poder de interpretação da realidade contemporânea.

Segundos x Primeiros

Todas as dicotomias abordadas contribuem para a atual crise de identidade do jornalismo nos cadernos culturais da grande imprensa. O atrelamento à agenda de estreias, na qual predominam nomes já bem-sucedidos, eventos de bilheteria previsíveis, celebridades e grifes; ou mesmo a qualidade e tamanho dos textos, cada vez mais superficiais e similares aos distribuídos pelas assessorias de imprensa dos artistas; ou ainda a marginalização da crítica, baseada “nos achismos” e mal fundamentada, são pontos críticos apontados por Piza (2004) como responsáveis por essa crise.

O fenômeno não é privilégio do Brasil, como relata o francês Jean-Michel Frodon, diretor de redação da *Cahiers du Cinéma*, considerada a mais influente revista de cinema da história, chamada com frequência de ‘a Bíblia da cinefilia’:

Nos EUA, a crítica da grande imprensa foi destruída e substituída por guias de consumo. Hoje, o jornalista americano tenta adivinhar se o público vai gostar ou não de um filme, recomenda ou não comprar o ingresso, como se estivesse falando de comida. Se há distorções entre o gosto da crítica e o do público, os estúdios preferem não mostrar o filme aos críticos e investir em publicidade. Isso aconteceu com ‘O Código Da Vinci’, que é realmente um filme péssimo. Mas eu achei ‘Piratas do Caribe 2’, que é o maior sucesso do ano, um filme bastante agradável. Existe hoje uma pressão do

mercado contra pontos de vista originais. O marketing se tornou mais importante que o produto. Mas o crítico deve olhar para a arte, não para o marketing (FRODON, apud CALIL, 2006).

Contudo, de acordo com Piza (2004), os “segundos” cadernos, como geralmente são denominados os cadernos culturais, têm uma maior importância para os jornais do que se possa imaginar. Além de serem uma das seções mais lidas, são a fonte em que o leitor extrai suas referências e estabelece seu relacionamento com a publicação. Colunistas dos segundos cadernos de jornais ou revistas como Ferreira Gullar e Carlos Heitor Cony (*Caderno Ilustrada da Folha de S. Paulo*), Sérgio Augusto e Luiz Zanin (*O Estado de S. Paulo*), Arthur Xexéo (*O Globo*) e João Bernardo Caldeira (*Jornal do Brasil*) estão entre os jornalistas mais lidos e comentados no tempo da realização desta pesquisa.

Outro fator destacado por Piza (2004) que motiva o interesse público é que os assuntos tratados nesses cadernos, como moda, música e literatura são bastante sedutores, abordados com a “leveza” que convida o leitor, tratando de coisas interessantes, proporcionando alternativas a “assuntos sérios” discutidos exaustivamente, como economia, política ou violência.

Especialistas concordam que para recuperar o espaço do Jornalismo Cultural é preciso observá-lo de forma particular, respeitando o seu papel específico dentro da publicação, através do trabalho de colunistas com recursos literários, com habilidade para traduzir sensações e opiniões diante das tantas faces da realidade. Os profissionais devem ter preparo intelectual e utilizar a linguagem para fazer a crítica com exigência e charme, aproveitando elementos como pluralidade e criatividade, com mais vigor que nas demais seções. Tarefa que não é fácil,

segundo Borges (2006), já que o Brasil sofre com instabilidades econômicas e precariedade educacional, o que compromete a formação do profissional capacitado e contribui para o seu desestímulo, através da baixa remuneração oferecida pelo mercado.

(...) qualquer candidato a jornalista cultural deveria se preocupar com seu repertório: conhecer as principais manifestações artísticas, ler sobre elas e tratar de refletir criticamente. Eu tenho dúvida se a maioria dos estudantes de jornalismo tem essa consciência e maturidade. E mais grave ainda: eu tenho sérias dúvidas se os profissionais do jornalismo cultural têm essa abertura para, digamos, o legado de nossa civilização e, ao mesmo tempo, para o novo. Já os professores parecem muito preocupados com os modelos jornalísticos dos anos 60, 70 e 80. (...) os jornalistas, em sua maioria, são muito mal remunerados e, na área cultural, acabam seduzidos pelos produtos (diretos e indiretos) da indústria (BORGES, apud FONSECA, 2006).

A tentativa de igualar o Jornalismo Cultural aos demais, como se eles tivessem a mesma dosagem de *hard news*, também compromete qualidade do jornalismo, fazendo-o cair em outra armadilha alertada por Maíra Botelho (2005):

O jornalismo cultural se configura como um produto cultural, e deve ser autocrítico para preservar sua qualidade de ser crítico, plural e às vezes lúdico, mas, acima de tudo, não se espelhar nas mesmas premissas do jornalismo tradicional que se alimenta do imediatismo e da superficialidade.

A quantidade de endereços culturais surgidos na internet e o espaço que as editoras têm dado a biografias e livros escritos por jornalistas provam que a demanda por jornalismo cultural ainda existe.

No Brasil, a queda do padrão do Jornalismo Cultural é bastante acentuada, principalmente também devido às dificuldades econômicas. Contudo, ainda existem alternativas e há um longo caminho a percorrer para diminuir o abismo existente entre as dicotomias apresentadas, que fuja de oposições simplistas entre elitismo e populismo, nacional e internacional, apostando na riqueza técnica e intelectual da profissão.

Apesar das mudanças sofridas pelo Jornalismo Cultural desde o seu surgimento, suas funções e o interesse do leitor não mudaram muito. “A demanda por um jornalismo cultural de qualidade, vivo e crítico, é segura”, garante Piza (2004).

Análise dos cadernos culturais dos jornais de maior circulação em João Pessoa

Polarizações

A partir da observação dos cadernos culturais dos jornais *O Norte*, *Correio da Paraíba* e *Jornal da Paraíba* como um todo, analisando todas as seções que os compõem, constatamos a existência marcante de algumas dicotomias estudadas na nossa fundamentação teórica.

Variedades x Erudições

À primeira vista, encontramos facilmente a maior polarização no jornalismo cultural local: variedades X erudição.

O *Caderno Show* (23/06/07) do jornal *O Norte* reúne, num só espaço, matérias sobre programas de televisão - incluindo a programação diária das TVs, resumo de novelas e fofocas sobre artistas – moda, cinema, música, exposição fotográfica, legislação em cultura, tecnologia, crônica política, colunismo social e dicas de português, além do tradicional horóscopo e das palavras cruzadas.

No *Caderno 2* do jornal *Correio da Paraíba* (28/06/07) não é diferente. As matérias sobre assuntos ditos “culturais” dividem espaço com duas páginas comerciais inteiras – uma intitulada *Manaira Shopping É Show*, e a outra denominada *Moçada que Agita*. A primeira, uma espécie de informativo a serviço do maior shopping center da capital paraibana, apresenta as novidades do empreendimento, notí-

cias sobre os lojistas e dicas de moda das marcas comercializadas, sem deixar de lado as fofocas sobre celebridades. A outra página referida, *Moçada que Agita*, traz pequenas notas ou “matérias pagas” sobre as escolas particulares do estado. O pouco espaço que resta para as manifestações culturais e artísticas ainda perde lugar para colunas sociais, políticas e de auto-ajuda, jogos dos 7 erros, palavras cruzadas, crônicas e programação diária dos cinemas e TVs locais.

O *Vida & Arte*, caderno cultural do *Jornal da Paraíba*, não foge à regra. Contudo, neste, notamos uma menor mistura de assuntos em relação aos demais cadernos analisados. No jornal do dia 28 de junho de 2007, especificamente, encontramos, além da programação diária da TV e dos cinemas, dos resumos das novelas e das fofocas de artistas, matérias sobre música, teatro, literatura e abordagens relacionadas à indústria cultural e aos projetos que envolvem o tema.

As erudições foram encontradas apenas nos suplemento literários *Augusto*, veiculado aos domingos pelo *Jornal da Paraíba*, e *Correio das Artes*, encartado quinzenalmente, aos finais de semana, no jornal *A União*. Apresentando textos com linguagem mais culta, ambos os suplementos dirigem-se a um público bem específico, que não agrega a grande massa, caracterizando, assim, a outra ponta dessa dicotomia definida por Piza (2004).

Contudo, por esses periódicos não serem diários, nem possuírem publicações equivalentes nos outros jornais que constituem o campo de estudo da nossa análise, as minúcias da erudição no suplemento literário não foram aprofundadas nesse trabalho. Pontuamos apenas alguns sinais, quando encontrados, nas matérias analisadas nos próximos tópicos.

Elitismo x Populismo

Assim como a heterogeneidade dos assuntos abordados pelos cadernos, que são reunidos de forma disforme num espaço inadequado, identificamos outro fenômeno dicotômico nos suplementos culturais locais: elitismo x populismo.

Contudo, neste, observamos uma divisão menos grosseira. Encontramos, por exemplo, matérias sobre artistas considerados “de elite”, como o escritor Ariano Suassuna, mas que são de interesse popular por terem apelo regional e serem respeitados tanto pelos intelectuais quanto pela grande massa.

Há um número maior de matérias sobre televisão, música, teatro, cinema e literatura, formas de artes de fácil acessibilidade e consumo dos leitores em geral em relação a outras manifestações artísticas, como dança e artes plásticas, consideradas “elitistas”, por despertarem interesse num público mais específico.

Nacional x Internacional

As notícias sobre temas nacionais e internacionais se apresentam bem dosadas, pelo menos no período em que as publicações foram selecionadas. Contudo, seguindo a lógica da agenda de apresentações como pauta para o jornalismo no estado, ainda há forte predominância das matérias nacionais, sobretudo as nordestinas. As matérias de assuntos estrangeiros seguem a lógica da agenda de lançamentos, estreias ou acontecimentos, além de datas memoráveis, como aniversários ou aniversários de mortes.

No cinema, em especial, a balança se mostra bastante equilibrada, alternando matérias sobre lançamentos de filmes estrangeiros, como *Sherek* e *Quarteto Fantástico* e o *Surfista Prateado*, com filmes nacio-

nais, como *Inesquecível* e *Não Por Acaso*, sem deixar de registrar as produções audiovisuais locais e os eventos relacionados ao tema no estado. Acredita-se que a dosagem adequada nas abordagens sobre esse tema em particular se deva à fácil acessibilidade do cinema como bem de consumo propagado pela já citada indústria cultural.

Segundos x Primeiros

O último fenômeno apontado por Piza (2004), encontrado em algumas matérias da nossa pesquisa, é considerado um dos mais prejudiciais ao Jornalismo Cultural produzido nos dias atuais.

Aproveitando a leveza dos temas, os jornalistas muitas vezes deixam de aprofundar as discussões em relação aos assuntos tratados, perdendo grandes oportunidades de provocar a reflexão do leitor. Muitas matérias não fazem jus aos temas que abordam, tratando a arte como qualquer outro assunto noticiado nos jornais, como podemos constatar na análise a seguir.

Análises das matérias

Conforme os processos metodológicos estabelecidos neste trabalho, partimos para uma análise mais precisa das polarizações e superficialidades do jornalismo especializado em cultura produzido no estado da Paraíba.

Obedecendo à divisão das matérias por abordagens de manifestações artísticas, chegamos a algumas considerações sobre os seguintes temas:

Teatro

Iniciando a nossa análise acerca das matérias, escolhemos como ponto de partida o teatro. Encontramos nos três jornais matérias que

abordavam o mesmo assunto: a estréia do espetáculo *Diário de um Louco*.

No caderno *Vida & Arte* (28/6/2007), do *Jornal da Paraíba*, o repórter Astier Basílio inicia a matéria “Delírios de um sentimento humano – Premiado nacionalmente, espetáculo ‘Diário de um Louco’ estréia no Teatro Santa Roza cercado de expectativa” destacando o tema da peça: a loucura. Para chamar a atenção do leitor, o jornalista ressalta a abordagem recorrente do assunto pelo teatro: “Se há um tema que seduz o teatro, sem dúvidas, a loucura estaria no topo do ranking. O fascínio é apresentar esse universo, em toda a sua complexidade e riqueza. É essa a intenção do paraibano André Morais (...)”.

Entretanto, no decorrer do texto o repórter se limita a comentar o resumo da peça, intercalando as descrições do espetáculo com declaração dos artistas envolvidos.

Um dos destaques do espetáculo, na opinião de Bweres, é a sua musicalidade. Para a apresentação de hoje foi incorporada uma música inédita à montagem. “Na versão que vi, André não fazia a música e procuramos trabalhar com esse aspecto, pois há um ganho muito maior”, revela.

A matéria cumpre bem o seu papel informativo de explicar ao leitor do que trata a obra, quem são seus autores e quais são os elementos utilizados no palco. Contudo, no texto não há sinais de crítica que indiquem ao leitor se é válido assistir ao espetáculo, já que quase todos os comentários sobre a peça são dos próprios diretores.

O tema loucura também poderia ter sido melhor aprofundado para enriquecer a matéria, aproveitando o gancho utilizado pelo jornalista

no primeiro parágrafo do texto. Basílio poderia ter traçado um paralelo entre o espetáculo abordado e outras obras de arte que beberam na mesma fonte, a da loucura.

Por ser uma adaptação de um monólogo russo, a peça interpretada pelo paraibano André Moraes reflete que, quando o assunto é arte, o local e o global andam juntos. Uma abordagem jornalística que envolvesse o assunto teria rompido com as dicotomias entre o nacional e o internacional e aprofundando o texto.

Na abordagem do mesmo assunto pelo *Caderno 2 do Correio da Paraíba*, “Diário de um Louco – Peça evoca aspecto humano da loucura sem estereótipos”, publicada na mesma data, Breno Barros abre o texto com o tradicional *lead*:

O lado humano de um esquizofrênico será apresentado, a partir de hoje, às 21h00, no Teatro Santa Roza, na estréia da adaptação de “Diário de um Louco”, texto de Nicolai Gogol. O espetáculo é um monólogo do Grupo Bigorna com o ator André Moraes e direção de Jorge Bweres em parceria com o ator.

O restante da matéria não guarda muitas surpresas. Um resumo da obra, seguido pelas informações básicas como data, hora e local de apresentações do evento, com falas intercaladas dos artistas responsáveis pelo espetáculo, põe fim ao papel meramente informativo da matéria. Porém, com base na pesquisa levantada anteriormente, não podemos tratar a cultura e a arte como um assunto qualquer, como se fosse uma matéria dos outros cadernos. Encontramos aí mais uma dicotomia apresentada na fundamentação teórica deste projeto: a dos primeiros cadernos x segundos cadernos.

No caderno *Show*, do jornal *O Norte* (24/6/2007), Adriana Crisanto sai da mesmice ao contextualizar a obra sob um novo ponto de vista na matéria intitulada “Delírio real – Inspirado num conto do escritor Nikolai Gogol, o espetáculo ‘Diário de um Louco’ renova sua montagem e retorna na quinta-feira ao palco do Teatro Santa Roza”.

Partindo do ponto que o espetáculo é uma adaptação do conto do escritor russo Nicolai Gogol, a jornalista traça um panorama de outras obras locais que adaptaram textos de escritores russos, estabelecendo um rompimento com as dicotomias entre nacional e internacional, e elitismo e populismo.

Esta também não é a primeira vez que os textos de escritores russos são adaptados por atores em João Pessoa. O grupo de teatro Piollin, em 2003, apresentou “Woyzeck”, do dramaturgo alemão Georg Büchner (1813-1837) que adaptada pelo ator Matheus Nachtergale recebeu o nome de “Woyzeck, o brasileiro”, que teve no elenco os atores paraibanos Everaldo Pontes, Servilho e Soia Lira. A peça foi encenada em várias capitais do país, menos na Paraíba.

Para enriquecer a matéria e informar o leitor, a repórter foi além, trazendo uma pequena biografia do escritor do conto que inspirou a peça:

Nikolai Gogol nasceu na Ucrânia, mas viveu em Moscou. Apesar de muitos dos seus trabalhos terem sido influenciados pela sua herança ucraniana, ele escreveu em russo e é considerado parte da literatura russa.

Entre os textos analisados, este último é o único que trata do tema com maior relevância, preocupando-se em apresentar ao leitor informa-

ções complementares sobre o assunto, contextualizando a obra tanto no plano local quanto no internacional. A jornalista ainda pôs fim à outra polarização, comentando a obra de um autor considerado, por muitos, “erudito” ou “elitista”, de forma simples, direta e compreensível.

Música

Quando o assunto é música observamos uma vasta gama de matérias sobre artistas regionais. A abordagem geralmente abrange o nacional e o internacional apenas nas seguintes situações: lançamentos de CDs ou DVDs, aniversários, mortes e presença de artistas em shows ou eventos locais. Essa fórmula pode ser reconhecida como uma tentativa de “esquentar” o Jornalismo Cultural, transformar as matérias em *hard news* a partir dos ganchos apresentados.

Desta vez, as matérias analisadas foram selecionadas sobre assuntos diferentes para que fosse permitida tanto a observação da abordagem do artista regional, quanto do nacional, assim como a utilização do fenômeno *hard news* para alcançar a mesma potencialidade noticiosa que as matérias dos outros cadernos.

Em nossa primeira análise, quebrando o fenômeno de atrelamento à agenda cultural, Renato Félix assina a matéria “Cantora apresenta trabalho em que se inspira em suas raízes cubanas – Marina de la Riva nasce no Rio de Janeiro, mas rendeu homenagens à terra do pai e do avô”, publicada no caderno *Vida & Arte do Jornal da Paraíba* (26/6/07).

Por não se tratar de nenhum show em cartaz na cidade, o jornalista faz uma aposta feliz, apresentando uma artista até então pouco conhecida pelos leitores do jornal, apropriando-se de elementos que aproximam o público do seu trabalho.

O texto inicia com a apresentação da artista de forma inusitada: “Não era a Rua dos Bobos, mas Marina de la Riva morou no número 0 de sua rua, em Baixa Grande da Leopoldina, um distrito da cidade de Campos, para onde sua família de origem cubana veio morar no país”.

Na sequência, o jornalista pontua as matérias com declarações bastante pessoais da própria artista, como “Quando uma pessoa está longe de seu país, a cultura representa a pátria amada. Principalmente a música, que é feita para sonhar, alterar ao ambiente”, referindo-se às suas raízes estrangeiras.

Após contar a história da cantora e comentar as suas influências em frases como “Depois que resolveu encarar o desafio, ela se pôs a moldar o disco da maneira que queria: para começar, Marina foi ao país de Fidel em 2005”, Félix mais uma vez retoma a atenção do leitor, relacionando o trabalho da artista com nomes como Chico Buarque e Sivuca.

Assim, Marina de la Riva possui canções em espanhol e português e de épocas tão diferentes – e tão próximas que chegaram a ser unidas em “Adeus, Maria Fulô/ La mulata chanteclera”, a primeira de Sivuca e Humberto Teixeira, a segunda de Ernesto Lecuona. O bolero “Ojos malignos” vira samba e tem a participação de Chico Buarque.

Ao final da matéria, a sensação que temos é que Marina de la Riva não é mais aquela artista desconhecida de alguns minutos atrás. O jornalista contou tantas minúcias de sua história, suas influências e seu trabalho, que o leitor já pode elaborar a sua própria opinião e decidir se vale a pena ouvir o disco da cantora.

Aproveitando o gancho das datas de fatos que marcaram a história da música, o caderno *Show* do jornal *O Norte* (1/6/2007) pontua os quarenta anos do lançamento do disco “Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band” dos Beatles. Com o título “Um disco revolucionário e eternamente jovem – ‘Sgt. Pepper’s Lonely Heart Club Band’ completa 40 anos neste dia 1º de junho e soa atual e emblemático como naquele distante 1967”, a matéria, assinada pelo jornalista Ricardo Anísio, começa enfocando a importância do álbum no mundo da música.

Gostar ou não gostar é um direito seu. Mas desconhecer a revolução que o disco “Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band” (algo como ‘Banda Sargento Pimenta e o Clube dos Corações Solitários’), do quarteto The Beatles, causou na música pop com estímulos e ecos fortes atingindo também o rock, é querer negar a história e escurecer o óbvio. Considerado o mais importante disco do gênero, “Sgt. Pepper’s” foi lançado a 1º de junho de 1967, portanto, completando 40 anos nesta sexta-feira.

Por escrever sobre um fenômeno conhecido mundialmente, inclusive pelos leitores do jornal, Anísio dispensa as apresentações óbvias e eleva a importância do disco através da comparação com um movimento cultural nacional para situar o leitor quanto à importância da obra: “Aqui no Brasil certamente a Tropicália bebeu muito na sua fonte sonora, tendo no mentor Rogério Duprat uma espécie de George Martin tupiniquim”.

Após romper as fronteiras dos temas regionais no jornalismo, por tratar de um assunto estrangeiro que é de interesse geral, o jornalista fornece ao leitor algumas curiosidades sobre o álbum, fugindo de uma abordagem superficial:

A capa do álbum também deflagrou outras abordagens polêmicas, tais como Aldous Huxley e Karl Marx, que segundo os mais incautos, seriam tendências comunistas e envolvimento com a magia negra, respectivamente, do Quarteto Fabuloso. Eles faziam uso dessas questões para tornar ainda mais poderoso o marketing do disco.

Utilizando expressões como “um divisor de águas da música pop”, “música que jorrava criatividade para todos os lados” ou “percebi que estava em minhas mãos um disco que talvez nunca fosse envelhecer”, Anísio aborda a questão de forma opinativa, apropriando-se do conhecimento sobre o tema e da sua credibilidade junto ao leitor, ao deixar claras suas impressões sobre a obra comentada.

Retratando um artista de perfil mais regional e popular, a matéria “Silvério Pessoa – No Seis e Meia, com ‘cabeça elétrica e coração acústico’”, do jornalista Antônio Vicente Filho, publicada no *Caderno 2 do Correio da Paraíba*, mostra já no título a sua relação com a agenda de eventos culturais da cidade.

O primeiro parágrafo da matéria informa, diretamente, um pequeno resumo do que pode ser esperado para o show.

A trilha musical do show de Silvério Pessoa vem com composições próprias e de autores consagrados. De sua cria vem “Nas terras da gente”, “Sambada e massapé”, “Cipó de goiabeira”, “Eu vi a máquina voadora” e “Coco na chegada”. Na trilha das releituras traz Jackson do Pandeiro (“Lei da Compensação”), Ary Lobo (“É o Cosme e o Damião”) e Jacinto Silva (“Carreiro novo”).

No decorrer do texto, o jornalista define o trabalho do autor como “uma síntese das trilhas da Zona da Mata, Agreste e Sertão com a sonoridade e a atitude dos jovens dos centros urbanos envolvidos com o rock, o hip-hop, o punk e outras sonoridades tradicionais”.

Apesar de reforçar as raízes e influências regionais do artista, contando que Silvério já fez parcerias com cantores como Lenine, Dinguinhos, Alceu Valença e Lula Queiroga, o jornalista, em vários momentos, supervaloriza o reconhecimento internacional do cantor. Essa aborgadem, se não for bem dosada, pode ser arriscada, gerando no leitor a falsa ideia de que o artista deve ser mais respeitado por fazer sucesso lá fora:

No final da temporada por João Pessoa, Campina Grande (amanhã), Aracaju e Recife, Silvério Pessoa parte para turnê pela Europa, com shows na Alemanha, França (Paris e Bourdeaux), Bélgica e Dublin, na Irlanda. (...)

Em 2003 participou de festivais importantes como o Skinfs, na Bélgica, o de Langon Saint Nazire, Fête de la Musique em Paris, Nice, Toulouse, entre várias cidades francesas, no caldeirão de mitos importantes da música mundial, como Manu Chao, Asian Dub Foundation, Tiken Jah Fakoly e Lokua Kanza. Em 2005 foi selecionado para o Projeto Pixinguinha, com seu nome na Caravana do Sul e Sudeste, passando por oito cidades.

Oriundo do Grupo Cascabulho, criado em 1994, Silvério Pessoa viajou pelo Canadá, Estados Unidos e Berlim. Participou do Free Jazz (...).

Embora revele uma série de informações sobre o artista, a matéria não vai muito além do seu papel informativo. Mesmo enaltecendo os

prêmios conquistados e as participações internacionais, o texto poderia ser mais “quente”, através da expressão das impressões do jornalista ou de declarações mais direcionadas do artista, elementos que aproximariam Silvério Pessoa do público. Ao final da matéria, temos a sensação que sabemos mais sobre os prêmios e reconhecimentos internacionais recebidos por ele do que sobre o próprio cantor.

Cinema

Para iniciar nossa análise sobre a abordagem do tema cinema, escolhamos matéria que apresenta, simultaneamente, dois filmes diferentes: um nacional e o outro estrangeiro. “Religiosos contra a ditadura e fotógrafa vivida por Nicole Kidman são atrações - O brasileiro ‘Batismo de Sangue’ volta aos anos 1970; ‘A Pele’ imagina parte da vida de Diane Arbus”, escrita por Renato Félix para o caderno Vida & Arte, *Jornal da Paraíba* (2/6/2007), cumpre esse papel.

Já no título, que apresenta os filmes como “atrações”, nota-se a ligação do Jornalismo Cultural voltado para cinema com a agenda local de estreias. Contudo, para sair do comum, Félix abre mão do tradicional *lead* e inicia a matéria lembrando aos leitores outro filme dirigido por Helvécio Hetton, diretor de *Batismo de Sangue*.

Que ninguém diga que Helvécio Hetton não é um diretor versátil. É dele um dos melhores filmes nacionais do começo da Retomada, *Menino Maluquinho – O Filme* (1995), baseado no livro infantil de Ziraldo. Mas seu filme, que estreou ontem em João Pessoa, não tem nada de infantil. *Batismo de Sangue* (Brasil, 2007) é uma viagem aos anos de chumbo da ditadura militar.

A tática utilizada pelo jornalista capta a atenção do público utilizando o “Menino Maluquinho”, grande sucesso nacional, como apelo para aproximá-lo do trabalho do diretor. Dessa forma, quem já assistiu a esse filme de Hetton tem parâmetro para desenvolver ideias acerca de seu trabalho e decidir se deverá assistir ao novo filme.

Ao longo do texto, Félix se apropria de outro elemento para prender a atenção de quem está lendo: destaca a inspiração histórica do filme, que foi a ditadura nacional, e seus personagens reais, conhecidos pelo público.

É uma história real e o hoje famoso Frei Betto é um dos personagens – interpretado por Daniel de Oliveira. (...) O filme mostra que não foi só o corpo dos religiosos que sofreu nos porões da ditadura. O caso mais dramático é o de Frei Tito (Caio Blat), que se torna livre após uma troca por um refém e se exila na Suíça, mas não consegue esquecer os momentos terríveis. O que acontece com ele é a abertura e encerramento do filme.

Dando continuidade ao texto, após o intertítulo “Nicole”, utilizado para separar as abordagens dos dois filmes na mesma matéria, Renato também apela para o contexto histórico, ressaltando a importância da personagem central da trama do filme “A Pele”. “A fotógrafa Diane Arbus foi muito famosa no século 20. Agora, ela é vivida por Nicole Kidman em A Pele (Fur – An Imaginary Portrait of Diane Arbus, Estados Unidos, 2007), que também estreou ontem”.

Diferente da forma de abordagem do primeiro filme, em “A Pele” o jornalista utiliza uma descrição meramente informativa, caindo na armadilha da superficialidade.

O filme é, na verdade, um exercício de imaginação sobre o que teria motivado o trabalho da fotógrafa e se passa nos dias em que ela ainda era uma dona-de-casa. Sua transformação passa pelo relacionamento com um vizinho (Robert Downey Jr.). O diretor Steven Sheinberg é o mesmo de *A Secretária* (2002).

A única relação entre os dois filmes abordados, além de registros históricos sobre as personagens, é o fato de estarem estreando no mesmo final de semana. Provavelmente, se os dois filmes fossem noticiados separadamente, as matérias seriam mais completas, reflexivas, proporcionando um outro recorte ao leitor. O jornalista tem ferramentas para provocar um verdadeiro mergulho na ditadura e nas histórias das personagens Frei Betto e Frei Tito, envolvendo o leitor no texto.

Na matéria sobre o filme *A Pele*, a relevância do trabalho da fotógrafa poderia ter sido melhor esmiuçada, assim como detalhes ou curiosidades da sua vida pessoal que motivassem o leitor a assistir a um filme sobre ela.

Em “Contrastes cinematográficos”, matéria de João Batista de Brito, publicada no caderno *Show* do jornal *O Norte* (8/6/2007), o jornalista adota a contextualização histórica e a importância do filme como diretrizes para o texto. “Em 1941, do seio da Hollywood clássica mais convencional, saía um filme perturbador que especulava sobre a própria razão de ser do cinema”, define o papel relevante do filme “Contrastes Humanos”.

O que o cinema deve fazer? Mostrar a realidade nua e crua para que o espectador dela tome consciência, sofra e queira transformá-la? Ou fantasiar, de modo que ao espectador seja dada a oportunidade de ser feliz em detrimento do real?

O posicionamento de Brito provoca a reflexão do leitor acerca do papel do cinema. Após as inquietações iniciais, o jornalista responde a própria pergunta, afirmando que “há filmes que fazem uma coisa e há filmes que fazem outra, porém o interessante seria imaginar um filme que intentasse a própria formulação do problema”.

A partir desse ponto, o jornalista introduz o objeto de sua análise como um exemplo de filme que cumpre esse papel, argumentando que “Quem nunca viu ‘Contrastes humanos’ (‘Sullinvan’s Travels’, 1941), de Preston Sturges, não sabe o que está perdendo”.

Após um resumo do roteiro, no decorrer do texto o jornalista deixa clara a sua opinião acerca do filme, destacando os pontos positivos e comparando-o a outras obras cinematográficas.

É claro que “Contrastes humanos” é uma sátira, o mais difícil é localizar o seu alvo. Nele o mais cativante é o aspecto conceitual: outros filmes da Hollywood clássica trataram de cinema, mas não com esse nível de abstração, digamos assim, filosófica. Para dar dois exemplos chave, “Crepúsculos dos deuses” é sobre a mitologia do cinema, “Cantando na chuva” é sobre a técnica cinematográfica, porém, “Contrastes humanos” é sobre a própria razão de ser do cinema.

Além das comparações, o autor contextualiza o filme com a realidade histórica da época:

Quatro anos antes do neo-realismo italiano, ele trazia, inteira, a proposta de um movimento de cinema estrangeiro, como se o estivesse adivinhando, isto para, no final, problematizar essa pro-

posta, deixando o espectador tão pasmo quanto o protagonista (...) a briga entre ser realista ou fantasioso não era novidade na época, nem mesmo no seio de Hollywood.

Conforme notamos, o jornalista não recorre a *hard news* para tornar a matéria mais atraente. Pelo contrário, Brito busca uma abordagem mais profunda do tema, rompendo as barreiras do nacional e do populismo para refletir o cinema de uma forma global. Através dessa reflexão o autor encerra o texto, sem a pretensão de fornecer respostas, mas provocando o leitor a pensar sobre a questão. “Realidade ou sonho, o que deveria estar na tela? A pergunta continua no ar e não tenho certeza se desejamos uma resposta definitiva e esquemática. Seja como for, ‘Contrastes humanos’ não a fornece”, declara.

No *Caderno 2*, do *Correio da Paraíba* (22/6/2007), Breno Barros discute aspectos da indústria cultural na matéria “Não por acaso’ – Cineasta procura equilíbrio entre filme de arte e comercial”.

O texto, que logo no chapéu anuncia “Estreia hoje”, também dá sinais do atrelamento das notícias de cinema ao calendário de exibições locais.

A matéria inicia com uma afirmação do diretor do filme, Philippe Barcinski: “É possível fazer um filme de arte sem ser hermético ou um filme comercial sem ser superficial, esse é o grande barato”. Declarações como essa, quando concedidas com exclusividade ao jornalista, humanizam a matéria e a tornam mais atraente que frases retiradas dos *press releases* idênticos enviados para todos os jornais.

Em comentários do jornalista como “o roteiro foi elaborado ao longo de cinco anos e escrito por três pessoas: o próprio Philippe, sua esposa, Fabiana Barcinski e Eugênio Puppo”, a abordagem do filme vai além do tradicional resumo, demonstrando a forma como foi concebi-

do, desde a sua criação. Barros também busca a interação com o leitor, disponibilizando endereços de sites onde alguns trabalhos do diretor podem ser vistos.

Entre os curtas dele estão “Palíndromo”, “A janela aberta” e “A escada”, que deram ao diretor prêmios nos festivais de Gramado, Brasília, Cannes e Chicago. “Palíndromo” e “A janela” podem ser vistos na internet através do You tube ou do site Porta-Curtas.

A questão da bilheteria, fenômeno gerado pela indústria cultural, é introduzida pelo jornalista em relação à expectativa dos produtores do filme.

Os produtores esperam ultrapassar a margem dos 200 mil expectadores. Até o momento cerca de 70 mil pessoas já assistiram o filme. “É um número bastante razoável para esse período e levando em conta que concorre com Sherek 3 e Piratas do Caribe, destacou o diretor.

Barros encerra a matéria com um breve histórico de Philippe Barcinsky. Num só texto, o jornalista conseguiu apresentar o resumo do filme, sua concepção, os trabalhos de seu diretor e a expectativa de público.

Apesar de o leitor não ter tido acesso a elementos críticos para formar a sua própria opinião, poderá conhecer mais sobre a obra do diretor de “Não por acaso” através dos outros filmes, nos endereços fornecidos pelo jornalista.

Ao observarmos também outras matérias que falam sobre o assunto, podemos constatar que o cinema é uma das artes que mais permite aprofundamentos e desdobramentos em sua abordagem. Por mais comum que seja o filme, ainda há aspectos sociais, contextos históricos,

indústria cultural, elenco, roteiro, bilheteria, trilha sonora, premiações, entre outros elementos que podem ser discutidos pelo jornalista, ampliando assim o papel informativo do Jornalismo Cultural.

Literatura

Em “Livro Impressionante”, resenha de Wellington Aguiar publicada no *Caderno 2, Correio da Paraíba* (7/6/2007), o historiador, já no título, deixa clara a sua opinião acerca do livro *A Ditadura dos Generais*, de Agassiz Almeida.

No primeiro parágrafo da matéria, o jornalista chama a atenção do leitor explicando a relevância da obra de Agassiz. “É trabalho de grande fôlego e um profundo mergulho nos acontecimentos que enlutaram a América Latina no século passado”, comenta.

Apropriando-se de um resumo de outro autor sobre a obra, Aguiar informa o leitor sobre o que trata o livro.

Assinala o professor doutor Jorge Fernando Hermida, uruguaio que é professor visitante da Universidade de Salamanca, na Espanha: “A obra ‘A Ditadura dos Generais’ nasceu de um encontro de Agassiz com o escritor Ernesto Sábato, em outubro de 1984, em Bueno Aires.(...) Agassiz Almeida dissecou a fenomenologia dos crimes de lesa-humanidade e pranteia nos últimos capítulos, em páginas de luminoso humanismo, o calvário de sua prisão pelas masmorras da ditadura militar, destacadamente na ilha de Fernando de Noronha”. (...) Como vemos, ninguém diria melhor.

Após citar algumas passagens do livro, como em “à página 532 do volume, Agassiz conta uma prolongada conversa que teve com o líder comunista Gregório Bezerra, seu companheiro de prisão no calabouço

do forte das Cinco Pontas no Recife”, Aguiar adentra no universo histórico retratado pela trama, aproximando o leitor da obra apostando no seu interesse por fatos da época.

Por fim, Aguiar, que é historiador, encerra a matéria recomendando o livro ao leitor: “Vale a pena ler essas páginas. São repositório de idealismo, cultura e sacrifício”, comenta.

O texto deixa claras as ideias do crítico em relação à obra. O fato de Aguiar ser historiador contribui para a credibilidade da matéria, já que partimos do pressuposto de que os argumentos não foram baseados em “achismos”.

A resenha “Hitomi escreve sobre o corpo – Sadomasoquismo e triângulo amoroso são temas do romance da escritora japonesa Hitomi Kanehara”, publicada no caderno *Show* do jornal *O Norte* (26/6/1007), não está assinada. Talvez esse fato seja justificado pela resenha parecer um material de divulgação da obra.

O texto começa com o tradicional *lead* e os três parágrafos seguintes continuam o resumo da trama do livro.

“Cobras e Piercings”, livro premiado da jovem escritora japonesa Hitomi Kanehara, chega ao Brasil pela Geração Editorial Ediouro. A autora conta a história de um triângulo amoroso entre jovens que curtem body modification e práticas sadomasoquistas. O cenário é a moderna cidade de Tóquio, mas poderia ser qualquer outra metrópole onde muitas pessoas imprimem suas identidades no visual.

Embora rompa a dicotomia entre assuntos nacionais e internacionais, destacando que o cenário “poderia ser qualquer outra metrópole

onde muitas pessoas imprimem suas identidades no visual”, o texto peca ao utilizar termos específicos como “body modification”. Encontra-se aí uma “tribalização” da cultura, fenômeno explicado por Piza (2004) como uma segmentação de público por assuntos de identificação ou interesse. Assim, como a matéria não fornece elementos para os que não estão habituados a esse universo retratado pelo tema central, fica difícil despertar o interesse e facilitar a compreensão da obra.

O único comentário crítico sobre o livro é superficial, pois não há nenhuma citação de fonte no texto e nem sequer sabemos quem o escreveu. “A autora aborda o tema com maturidade, sem deixar os personagens caricatos, permitindo ao leitor vislumbrar a dinâmica psicológica que rege seus comportamentos”.

Ao longo do texto, a sensação que temos é de estar lendo um *release*. A matéria é encerrada com uma pequena biografia, deixando a desejar uma abordagem mais profunda sobre um tema tão polêmico como o sadomasoquismo.

Nossa última análise, a matéria intitulada “Mirisola incógnito em João Pessoa”, de Astier Basílio, caderno *Vida & Arte, Jornal da Paraíba* (26/6/2007), fala sobre o trabalho de “um dos escritores mais polêmicos do país”.

Com declarações como “Mirisola revela que morou por três meses na capital paraibana e que a cidade inspira seu próximo livro”, Basílio busca um elo “regional” para estabelecer a identificação do leitor com o autor da obra.

As declarações exclusivas de Marcelo Mirisola para a matéria evitam que o texto caia na superficialidade, fisingando a atenção do leitor ao oferecer “mais quentes”. “Meu próximo romance se passa na praia

do Cabo Branco. Por enquanto, é a única coisa que posso dizer. Passei três meses inesquecíveis em João Pessoa”, afirmou.

Além de informar o leitor sobre a formação acadêmica do autor e as obras que publicou, o jornalista apresenta o livro “O Homem da Quitinete de Marfim”, comentando o estilo de Mirisola.

No volume de crônicas, Mirisola não faz concessões acerca do que pensa. Reflexivo, sem ser pedante, corrosivo e ao mesmo tempo debochado, o escritor dispara suas farpas contra os nomes da cultura brasileira, além de falar sobre política e sobre televisão.

Basílio ainda brinda os leitores com algumas dessas passagens do livro que demonstram as opiniões polêmicas do autor:

Sobre o cineasta Fernando Meirelles: “Mauricinho lírico, conversador e bem intencionado”; “Carlinhos Brown: “É um chato (...) faz músicas imbecis”; Zezé di Camargo e Luciano: “Irmãos Marabraz”; Haroldo de Campos: “Xarope”. (...) “Literatura é arena para gigantes: não é lugar para mané, politiqueiro e santinho”.

O jornalista vai além dos comentários da obra, levando novas informações sobre autor para o público, em trechos como “Essa postura de dizer o que pensa, sem rodeio, lhe custou caro”, comentando a exclusão do autor pela “comunidade literária”. Ele explica que “além desse isolamento, Mirisola conta que recebeu ameaças anônimas de morte e teve ‘raps sinistros gravados em minha secretária eletrônica”.

Após uma matéria informativa, mas ao mesmo tempo leve, recheada de curiosidades sobre o autor, o jornalista finaliza o texto fornecendo elementos para o leitor tirar suas próprias conclusões sobre Miri-

sola, considerando a diversidade do público do jornal. Basílio rompe, escapando assim, do fenômeno da “tribalização” destacado na nossa análise anterior:

Se você é politicamente correto, definitivamente, ler “O Homem da Quitinete de Marfim” não será uma boa opção. Mas, para quem gosta de um lirismo ácido e de um texto escrito com ódio e inteligência, as crônicas de Mirisola serão um divertimento e um deleite.

Assim como nos demais textos, nas matérias que abordam livros e obras de qualquer autor, deve-se tomar cuidado com as armadilhas das polarizações do Jornalismo Cultural. A literatura é uma das manifestações artísticas mais complexas e não pode ser tratada de forma superficial, muito menos segmentar informações para um público específico, ainda mais pelo número de leitores ser tão pequeno no Brasil.

Considerações

A pesquisa que realizamos nos forneceu diretrizes para atingirmos os objetivos propostos: a análise das polarizações do Jornalismo Cultural nos impressos locais *Correio da Paraíba*, *O Norte* e *Jornal da Paraíba*. Com base na revisão de literatura levantada sobre o assunto, identificamos as dicotomias e os fenômenos existentes nesse jornalismo especializado local, que comprometem o desenvolvimento do seu papel junto à sociedade.

Como vimos nos registros históricos da origem e evolução do Jornalismo Cultural, essa prática teve uma missão muito importante desde a sua criação: discutir as artes, os costumes e hábitos dos homens que vivem em sociedade. Produzido por nomes importantes no mundo inteiro, o jornalismo voltado para a cultura mostrou seu grande poder de influência ao inspirar movimentos sociais e dar vazão ao pensamento de filósofos e revolucionários mudando, muitas vezes, os rumos da História.

Após uma longa e notável trajetória, o Jornalismo Cultural vem cedendo à superficialidade e à perecibilidade vistas hoje. Fenômeno impulsionado pelas mudanças da indústria cultural, como pudemos constatar em nosso estudo.

A crítica a cada dia perde lugar para a agenda cultural, que não deve ser de todo descartada, por se tratar de um serviço ao leitor, mas necessita de maior rigor na escolha dos assuntos, para não excluir da pauta temas interessantes do imenso universo artístico existente.

A partir das matérias coletadas, comprovamos, com algumas exceções, o império da agenda cultural no jornalismo local. Contudo, em algumas passagens, notamos que os jornalistas conseguiram ir além do serviço de informação ao leitor, oferecendo elementos críticos, contextualizações históricas e sociais, provocando reflexões sobre o assunto.

Porém, ainda há muito o que ser revisto para evitar as polarizações clássicas do Jornalismo Cultural, que começam com a escolha do assunto, passam pela forma de abordagem e terminam na reação do leitor.

O importante não é apontar culpados, sejam eles os salários injustos, as redações reduzidas a poucos funcionários, as políticas empresariais dos proprietários dos veículos de comunicação ou os próprios jornalistas. Fundamental mesmo é achar soluções, alternativas para reverter esse quadro. Um dos caminhos está na construção do profissional, que tanto pode ser de forma individual, buscando qualificação para se tornar um mediador entre a cultura e o leitor, ou através dos cursos de Comunicação Social Brasil afora, que poderiam ensinar Jornalismo Cultural como uma disciplina à parte, tendo em vista o fascínio causado nos alunos e a grande demanda do público.

Quaisquer que sejam os caminhos, é imprescindível que o Jornalismo Cultural recupere o seu papel provocador de levar a sociedade a refletir, estimulando uma nova leitura das manifestações artísticas abordadas. Despertar a ação do leitor para interpretar a cultura como um todo é um passo à frente para a conscientização da população quanto à importância de questionar outros aspectos da sociedade. Aspectos estes que, na maior parte das vezes, são retratadas nas próprias produções de cultura e arte.

Matérias analisadas

“Cantora apresenta trabalho em que se inspira em suas raízes cubanas: Marina de la Riva nasce no Rio de Janeiro, mas rende homenagens à terra do pai e do avô”. Renato Félix. *Jornal da Paraíba*, caderno *Vida & Arte*. Publicada em 28 jul. 2007.

“Contrastes cinematográficos”. João Batista de Brito. *Jornal O Norte*, caderno *Show*. Publicada em 8 jul. 2007.

“Delírio real: Inspirado num conto do escritor Nikolai Gogol, o espetáculo ‘Diário de um Louco’ renova sua montagem e retorna na quinta-feira ao palco do Teatro Santa Roza”. Adriana Crisanto. *Jornal O Norte*, caderno *Show*. Publicada em 24 jul. 2007.

“Delírios de um sentimento humano: Premiado nacionalmente, espetáculo ‘Diário de um Louco’ estréia no Teatro Santa Roza cercado de expectativa”. Astier Basílio. *Jornal da Paraíba*, caderno *Vida & Arte*. Publicada em 28 jul. 2007.

“Diário de um Louco: Peça evoca aspecto humano da loucura sem estereótipos”. Breno Barros. *Jornal Correio da Paraíba*. *Caderno 2*. Publicada em 28 jul. 2007.

“Hitomi escreve sobre o corpo: Sadomasoquismo e triângulo amoroso são temas do romance da escritora japonesa Hitomi Kanehara”. *Jornal O Norte*, caderno *Show*. Publicada em 26 jul. 2007.

“Livro Impressionante”. Wellington Aguiar. *Jornal Correio da Paraíba. Caderno 2*. Publicada em 7 jul. 2007.

“Mirisola incógnito em João Pessoa”. Astier Basílio. *Jornal da Paraíba*, caderno *Vida & Arte*. Publicada em 26 jul. 2007.

“‘Não por acaso’: Cineasta procura equilíbrio entre filme de arte e comercial”. Breno Barros. *Jornal Correio da Paraíba. Caderno 2*. Publicada em 22 jul. 2007.

“Religiosos contra a ditadura e fotógrafa vivida por Nicole Kidman são atrações: O brasileiro ‘Batismo de Sangue’ volta aos anos 1970; ‘A Pele’ imagina parte da vida de Diane Arbus”. Renato Félix. *Jornal da Paraíba*, caderno *Vida & Arte*. Publicada em: 2 jul. 2007.

“Silvério Pessoa – No Seis e Meia: com ‘cabeça elétrica e coração acústico’”. Antônio Vicente Filho. *Jornal Correio da Paraíba, Caderno 2*. Publicada em 9 jul. 2007.

“Um disco revolucionário e eternamente jovem: ‘Sgt. Pepper’s Lonely Heart Club Band’ completa 40 anos neste dia 1º de junho e soa atual e emblemático como naquele distante 1967”. Ricardo Anísio. *Jornal O Norte*, caderno *Show*. Publicada em 1 jul. 2007.

Referências

ARAÚJO, Fátima. *História e ideologia da imprensa na Paraíba: dados históricos e técnicos*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1983.

BAGGIO, Adriana. *Jornalismo cultural: da futilidade à prioridade. Digestivo Cultural*. Disponível em <<http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=1233>>. Acessado em 15 set. 2007.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In *Magia e Técnica, Arte e política (Obras escolhidas I)*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BOTELHO, Maíra. *Jornalismo Cultural*. Disponível em <<http://www.culturaemercado.com.br/setor.php?pid=150&setor=3>>. Acessado em 17 nov. 2007.

CAMARGOS, Léia Patrícia. *A Presença das Literaturas Portuguesa e Africana de Língua Portuguesa no Suplemento Literário Minas Gerais: Indexação, coletânea de textos e banco de dados*. Disponível em <http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v1.n2/Artigos/Leia%20Patricia%20Camargos.pdf>. Acessado em 30 jul. 2007.

CARVALHO, Olavo de. *Quatro perguntas para Olavo de Carvalho sobre Jornalismo Cultural*. Disponível em <<http://www.olavodecarvalho.org/textos/4perguntas.htm>>. Acessado em 30 set. 2007.

COUTINHO, Odilon Ribeiro. *Anais do Ciclo de Debates do IHGP*. Disponível em <<http://ihgp.net/pb500p.htm>>. Acessado em 20 de set. 2007.

ESTEVAM, Joelma Zambão e SALOMÉ, Josélia Schwanka. *O Ensino da Arte e a Superação do Apartheid Cultural*. Disponível em <<http://www.utp.br/>>

- mestradoeducacao/vpedagogiaemdebate/pddjejs.htm>. Acessado em 09 nov. 2007.
- FONSECA, André. *O verdadeiro jornalismo cultural. Cultura e Mercado*. Disponível em <<http://www.culturaemercado.com.br/setor.php?pid=329&setor=2>>. Acessado em 17 nov. 2007.
- FRANÇA, Henrique. *Há quase um século escrevendo a história. O Norte*. Disponível em <<http://jornal.onortonline.com.br/domingo/aniversario/>>. Acessado em 05 nov. 2007.
- GOMES, Fabio. *Jornalismo Cultural. Brasileirinho Produções: 2005*. Disponível em: <<http://www.jornalismocultural.com.br>>. Acessado em 12 set. 2005.
- GUEDES, Linaldo. *Literatura no Jornalismo: Chega de ser o patinho feio! . Blocos online Portal de Literatura e Cultura*. Disponível em <http://www.blocosonline.com.br/sobre_portal/popup_registros/conferencias/01_i_4.php>. Acessado em 11 set. 2007.
- LOPEZ, Débora e FREIRE, Marcelo. *O Jornalismo Cultural além da crítica: um estudo da revista Raiz*. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopez-debora-freire-marcelo-jornalismo-cultural.pdf>>. Acessado em 20 set. 2007.
- PEREIRA, Wellington. *Crônica: arte do útil ou do fútil? (Ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso)*. João Pessoa: Idéia, 1994.
- PEREIRA, Wellington. (Org.). *Epistemologias do caderno B (Cotidiano, cultura e jornalismo)*. João Pessoa: Manufatura, 2006.
- PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. São Paulo: Contexto, 2004.
- RIVERA, Jorge B. *Periodismo cultural*. Buenos Aires: Paidós, 2000.
- SANTOS, Joaquim Ferreira. *A melhor reportagem da história. Observatório da Imprensa*. Disponível em <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/asp250920029.htm>>. Acessado em 09 nov. 2007.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira e SIQUEIRA, Euler David. Jornalismo cultural: espaço para reflexão sobre a noção de cultura. Trabalho apresentado ao XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (2004) IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

SOARES, José. *Especialista explica os dilemas do jornalismo cultural*. *Jornalismo Cultural – Entrevistas*. Disponível em <http://jornalismoculturaljj.blogspot.com/>. Acessado em 15 jul. 2007.

SOUZA, Bertrand G. S. *Jornalismo Científico: Análise comparativa entre os cadernos de Ciência dos jornais Folha de S. Paulo e Correio da Paraíba*. Disponível em <http://www.insite.pro.br/Monografia%20Bertrand.htm>. Acessado em 15 out. 2007.

ZANIN, Luiz. *Marco de Época: Suplemento Literário do Estado*. *Blog Zanin*. Disponível em http://blog.estadao.com.br/blog/zanin/?title=marco_de_epoca_suplemento_literario_do_e&more=1&c=1&tb=1&pb=1 >. Acessado em 18 nov. 2007.

Marina Magalhães de Morais

é Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa (2018), Mestre em Comunicação pela Universidade Federal da Paraíba (2011), Especialista em Redação Jornalística pela Universidade Potiguar (2010) e Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (2008). De 2005 a 2011 atuou como assessora de imprensa, repórter e redatora em João Pessoa, com passagens pela Antares Comunicação, Procuradoria Geral e Casa Civil do Estado da Paraíba, Jornal da Paraíba e G1. Também desenvolveu atividades de pesquisa no Grupecj e no Centro de Pesquisa Atopos. Em 2011 alçou novo voo para Portugal, onde desenvolveu sua tese doutoral financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e atuou como repórter internacional da Revista Brazil com Z (Espanha) e do site Notícias ao Minuto (Portugal). Atualmente é professora convidada da Universidade Lusófona do Porto, investigadora do Instituto de Comunicação da Nova (ICNOVA) e do Centro Internacional de Pesquisa Atopos na Europa. Escreve contos nas horas vagas.



Marina Magalhães

POLARIZAÇÕES DO JORNALISMO CULTURAL



O Jornalismo Cultural apresenta uma série de dicotomias que prejudicam o cumprimento de seu papel, fazendo-o cair na superficialidade ou no eruditismo, no desequilíbrio entre matérias sobre assuntos internacionais e locais, ou ainda errar a dosagem de temas considerados de “elite” e populares. Por meio de amostras dos cadernos culturais de *O Norte*, *Jornal da Paraíba* e *Correio da Paraíba*, jornais de maior circulação em João Pessoa no período do estudo, analisamos os desdobramentos dessas polarizações, para entender os pontos críticos que permeiam seu papel na contemporaneidade.